

CÂNDIDO

JORNAL DA BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ

BIBLIOTECA
PÚBLICA
DO PARANÁ

61

AGOSTO 2016
www.candido.bpp.pr.gov.br

5 anos

Na edição de aniversário, o Cândia publica especial com momentos importantes da história literária do Paraná

Samuel Casal



Ensaio | Luiz Ruffato ▪ Inéditos | 4 poetas paranaenses ▪ Conto | Antônio Torres

A nossa xícara de café

ROGÉRIO PEREIRA

O amor às bibliotecas, do francês Jean Marie Goulemot, é um livro fundamental na vida de qualquer bom leitor. Após um panorâmico passeio pela história das bibliotecas e da leitura, Goulemot finaliza de maneira simples e amorosa: “É preciso preservar bibliotecas que sejam humanas e onde seja mantido o vínculo carnal com o livro, que reúnam nesse ato estranho — a leitura refletida — uma comunidade de seres lendo e, contudo, isolados. Que as bibliotecas permaneçam assim lugares de vida, onde as ideias não nasçam somente da relação entre um leitor e seu livro, mas também da conversa em torno de uma xícara de café, de encontros com leitores estrangeiros, do devaneio que invade o público no torpor de uma tarde de verão”.

Foi com este espírito que há exatos cinco anos, em agosto de 2011, nasceu o **Cândido** com sua capa a estampar um Paulo Leminski de bigodes imensos, no traço do ilustrador Rafael Sica, e o sugestivo título: “A linha que nunca termina”. Não era apenas mais um jornal sobre literatura, livros, leitura e bibliotecas — que muitos já garantiam nascer com os dias contados. Era o início de um novo projeto para a Biblioteca Pública do Paraná (BPP) — esta poderosa instituição que em março próximo completa 160 anos. Ou seja, um lugar de vida e de muitos encontros. Por aqui, passam cerca de 2,5 mil pessoas diariamente.

Logo de cara, o **Cândido** — cuja tiragem inicial era de 5 mil exemplares; hoje, são 10 mil — exibiu a característica que marca a ferro sua personalidade



EXPEDIENTE

CÂNDIDO

Cândido é uma publicação mensal da **Biblioteca Pública do Paraná**

BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ
Rua Cândido Lopes, 133. CEP: 80020-901 | Curitiba | PR.
Horário de funcionamento:
Segunda a sexta, das 8h30 às 20h.
Sábados, das 8h30 às 13h.

Todos os textos são de responsabilidade exclusiva do autor e não expressam a opinião do jornal.

Governador do Estado do Paraná **Beto Richa**
Secretário de Estado da Cultura **João Luiz Fiani**
Diretor da Biblioteca Pública do Paraná **Rogério Pereira**
Presidente da Associação dos Amigos da BPP **Marta Sienna**
Coordenação Editorial **Rogério Pereira** e **Luiz Rebinski**
Redação **Marcio Renato dos Santos** e **Omar Godoy**
Estagiários **Kaype Abreu** e **Helena Salvador**

Coordenação de Desenho Gráfico | CDG | SEEC **Rita Solieri Brandt**
Diagramação **Bianca Franco**, **Marluco Reque** e **Raquel Dzierva**
Colaboradores desta edição **Antônio Torres**, **Adriano Scandola-**
ra, **André Coelho**, **Bianca Franco**, **Fabrizio Carpinejar**, **Guilherme**
Gontijo Flores, **Luiz Ruffato**, **Marco Jacobsen**, **Marcos Pamplona**,
Roberto Gomes, **Rodrigo Madeira**, **Samuel Casal** e **Vilma Slomp**.
Redação imprensa@bpp.pr.gov.br | (41) 3221-4974

editorial: a pluralidade de ideias, com as mais variadas vozes, sempre evitando privilegiar determinados grupos ou tendências estéticas. O jornal se apresenta como uma vitrine variada, cosmopolita e interessante da literatura brasileira contemporânea. Em suas atuais 40 páginas — no início, eram 32 páginas — é possível encontrar autores de Curitiba, do interior do Paraná e de outras regiões do País.

Parte significativa do jornal é dedicada aos inéditos, seja poesia ou prosa — contos, crônicas e fragmentos de romance. Folhear as páginas do **Cândido** é deparar-se com a atual produção brasileira: nomes consagrados, autores cujas obras ainda precisam ser descobertas por um número expressivo de leitores e até mesmo estreantes, muitos dos quais tiveram os seus primeiros textos publicados aqui. Com isso, ao dialogar com uma tradição curitibana de veículos culturais, desde o Simbolismo

passando pelos míticos revista *Joaquim* (1946-1948) e jornal *Nicolau* (1987-1996), o **Cândido** contribui de maneira consistente para dilatar a nossa consciência a respeito dos livros e autores que nos cercam.

Outra aposta é no conteúdo jornalístico: toda edição traz como destaque de capa uma grande reportagem, resultado do diálogo com professores universitários, críticos e autores de todo o Brasil. Além dos textos jornalísticos, há espaço para ensaios e artigos de pesquisadores, produzidos em linguagem acessível, a fim de encontrar ressonância nos mais variados públicos. Destaca-se ainda por ser um dos poucos, ou talvez o único, suplemento cultural mensal produzido integralmente por uma biblioteca pública brasileira. E isso, vale lembrar, num contexto em que os jornais e revistas cada vez mais abandonam a versão em papel para mergulhar apenas no mundo digital.

Nestes tempos tão apressados e conectados, um jornal com o perfil do **Cândido** coloca-se como um foco de resistência, uma espécie de ilha à disposição de todos nos balcões da BPP, onde é distribuído gratuitamente. A cena tornou-se comum: o leitor apanha a edição e caminha tranquilamente pelo amplo hall de entrada da biblioteca. Às vezes, senta-se ali mesmo para ler. Outras, escolhe os degraus da escadaria diante do prédio inaugurado em 1954. O jornal, nestes casos, torna-se um forte elo entre o leitor e a biblioteca, entre a biblioteca e a comunidade, entre o leitor e ele mesmo. A leitura do **Cândido** é (e acreditamos muito nisso) humanizadora. E reforça o projeto de biblioteca para o qual trabalhamos todos os dias.

O **Cândido** ainda circula em todas as bibliotecas públicas e escolas de ensino médio do Paraná, além de ser enviado para diversas regiões do Brasil,

a escritores, editores e jornalistas. Parte da tiragem é encaminhada para o projeto de remição de pena pela leitura no Paraná — iniciativa pioneira no país, em atividade desde 2012, e que conta atualmente com 2,5 mil participantes, quase 13% do total de 19,5 mil detentos no Estado.

Com tudo isso, o **Cândido** integra uma ação que busca transformar a Biblioteca Pública do Paraná em um grande centro cultural, deixando para trás alguns estigmas que ainda marcam as bibliotecas Brasil a fora. Desde 2011, uma ampla programação dá mais vida aos cerca de 8 mil metros quadrados da BPP, incluindo encontros com escritores, exposições, contação de histórias, apresentações musicais, peças de teatro, cursos de criação literária e de ilustração. E ao final de cada evento cultural, um exemplar do **Cândido** aguarda os leitores para lhes fazer agradável companhia.

 **Rogério Pereira**, jornalista e escritor, é diretor da Biblioteca Pública do Paraná desde janeiro de 2011.





Reprodução

O progressista conservador (ou vice-versa)

Luiz Ruffato analisa a trajetória de Graciliano Ramos, defendendo a tese de que o escritor se reinventou a cada novo livro publicado, além de ressaltar que o autor de *Vidas secas* duvidava dos modismos e cultuava os clássicos

Entre 1933 e 1938, Graciliano Ramos publicou os quatro volumes que compõem toda a sua obra romanesca.

Nunca compreendi a inserção de Graciliano Ramos na corrente regionalista da literatura brasileira, assim como ainda hoje me intriga o fato de historiadores e críticos literários situarem a obra dos romancistas nordestinos, Graciliano incluso, como continuação natural dos preceitos da Semana de Arte Moderna de 1922. Nada mais equivocado, a meu ver.

Os romances, contos e memórias de Graciliano constituem um todo coeso e inseparável de sua formação intelectual, pouco afeito às conquistas do modernismo e às inovações técnicas das diversas vanguardas. Aliás, Graciliano demonstra verdadeira antipatia pelos modernistas. Indagado, certa feita, se acompanhou os desdobramentos do movimento paulista, responde positivamente, para emendar: “Sempre achei aquilo uma tapeação desonesta. Salvo raríssimas exceções, os modernistas brasileiros eram uns cabotinos”. E, quando perguntado diretamente se se considerava modernista, responde, com irritação: “Que ideia! Enquanto os rapazes de 22 promoviam seu movimentozinho, achava-me em Palmeira dos Índios, em pleno sertão alagoano, vendendo chita no balcão”. Noutro momento, o escritor é ainda mais contundente: “Tenho a impressão (...) de que as gerações novas, surgindo com o seu ímpeto revolucionário, com sua forte propaganda e também com muitas imposturas, não só fabricaram uma boa quantidade de falsos valores, como adulteraram julgamentos, fazendo com que hoje sejam ignorados e, por isso mesmo, desprezados muitos de nossos escritores do passado, superiores a esses ruidosos cabotinos que andam por aí”.

Em diversas ocasiões, Graciliano manifestou sua preferência pelos clássicos e sua incompreensão pelos modernos. Em entrevista, em Lisboa, reproduzida no jornal carioca *Correio da Manhã*, o escritor faz afirmações como: “Não sou otimista em relação à literatura brasileira... (...) A verdade é que não há valores no romance brasileiro depois do romance nordestino de 1932 a 1935. (...) não entendo essa coisa que os modernos chamam poesia (...) E na Europa? Onde estão os novos valores? Os que substituíram Balzac e Tolstói e o Eça, dos Maias?” Graciliano chega a ser tão conservador em sua visão estética, que nem mesmo Machado de Assis, que considera “o maior entre os brasileiros” no gênero conto, livra-se de sua crítica: “Machado de Assis é um grande escritor, apenas não é romancista. Do ponto de vista da técnica novelística, todos os seus romances são deficientes. São misturas de crônicas, ensaios, aforismos, meditações, contos, sobretudo de contos. O *Brás Cubas* não é outra coisa senão uma narração incoerente, com uns contos interpolados”. Ou seja, aquilo que diferencia e singulariza Machado de Assis, a sua original concepção da arquitetura do romance, é justo isso que impacienta Graciliano.

Nascido em Quebrangulo, interior de Alagoas, em 1892, o escritor teve uma formação literária autodidata. Após uma breve e quase anônima passagem pelas redações de jornais do Rio de Janeiro, entre 1914 e 1915, voltou para Palmeira dos Índios, onde sua família havia se radicado, casou-se, enviuvou. É assim, dono da loja A Sincera, cuidando sozinho de quatro filhos, que



Grande fã de Eça de Queiroz, Graça sabia recitar longos trechos de *Os Maias*, um dos livros mais conhecidos do romancista português.



Graciliano, mesmo reconhecendo a qualidade literária de Machado de Assis, fazia restrições em relação à obra romanesca do autor. “Machado de Assis é um grande escritor, apenas não é romancista”, dizia.

em 1926 vai ser encontrado por José Lins do Rego, em visita à cidade como membro da comitiva oficial do governador do Estado. Conta José Lins que, avisado de que ali morava “o homem que sabe mais mitologia em todo o sertão”, deparou-se com um sujeito de “olhos desconfiados” que, além de mitologia, também entendia de Balzac, Zola e Flaubert: “Soube que era comerciante, que tinha família grande, que era ateu, que estivera no Rio, que fizera sonetos, que sabia inglês, francês, que falava italiano”. Estava então com trinta e quatro anos, lia muito, assinava jornais do Rio de Janeiro e mantinha-se informado das novidades literárias por meio de encomendas às livrarias Alves e Garnier, e ao *Mercure de France*, de Paris. E também escrevia bastante.

Graciliano publicou seu primeiro trabalho literário aos doze anos, o conto “O pequeno pedinte”, no jornal *O Dilículo*, do Internato Alagoano, de Viçosa, onde estudava. Ao longo das décadas de 1910 e 1920, divulgou poemas, crônicas e contos sob diversos pseudônimos, em periódicos provincianos: *O Índio*, de Palmeira dos Índios; *Jornal de Alagoas*, de Maceió; *Parahyba do Sul*, da cidade de mesmo nome, situada no interior do Estado do Rio de Janeiro. As crônicas foram recolhidas postumamente em quatro volumes: *Linhas tortas e Viventes das Alagoas*, ambos de 1962, e, mais recentemente, *Garranchos*, de 2012, e *Cangaços*, de 2014. Os poemas permanecem inéditos — a saber, versos satíricos, como os transcritos por Aurélio Buarque de Holanda, em artigo em homenagem aos 70 anos de nascimento de Graciliano, e sonetos parnasianos, como informa Otto Maria Carpeaux (“O fra-

casso da primeira tentativa de uma carreira literária [a passagem do escritor pelo Rio de Janeiro entre 1914 e 1915] se compreende — o próprio Graciliano me confessou ter escrito, então, sonetos parnasianos”).

Já os textos de ficção tiveram diferentes destinos. Em carta enviada à sua irmã Leonor, datada de 10 de julho de 1915, Graciliano cita a existência de três contos prontos para publicação (“Maldição de Jeovah”, “A carta”, “e O discurso”) e de pelo menos outras três novelas (embora só nomeie uma delas, *O retardatário*). Em fins de 1925, o escritor resolveu dar um fim nos inéditos, como conta ao amigo A. J. Pinto da Mota Lima Filho, em carta datada de 1º de janeiro de 1926: “O mês passado, abri o compartimento inferior da estante e encontrei lá um par de tamancos imprestáveis, uma coleção de selos e algumas resmas de manuscritos. Deitei fora os tamancos, dei os selos ao meu rapaz mais velho e queimei os papéis”. Mas não queimou tudo... Na mesma carta, afirma: “(...) tive a fraqueza de poupar ao fogo umas coisas velhas que me trazem recordações agradáveis e dois contos que andei compondo ultimamente, porque tenho estado desocupado e me imaginei com força para fabricar dois tipos de criminosos”.

Por essa época, Graciliano estava redigindo seu primeiro romance, *Caetés*, impregnado das leituras de Eça de Queirós, autor que endeusava: “Graça [apelido familiar de Graciliano] e eu líamos, por exemplo, *Os Maias*, infinitas vezes, quantas ocasiões houve em que eu recitava um trecho e ele emendava por linhas inteiras”, recorda Heloísa, sua mulher,

em entrevista a Leo Gilson Ribeiro. Concluído em 1928, o livro, que reputava uma “narrativa idiota”, resultado de “leituras insuficientes”, e que muitos críticos, convencidos pela suposta má vontade do autor com relação a ele, consideram-no erroneamente um título menor em sua bibliografia, continuou a ser “mexido” até perto de sua publicação, em 1933 — sinal de que passou por seu rigorosíssimo crivo. A significativa importância de *Caetés* no conjunto de sua obra, o próprio Graciliano percebe: “Nessas páginas horríveis, onde nada se aproveita, um fato me surpreendeu: as personagens começaram a falar. Até então minhas infelizes criaturas abandonadas incompletas, tinham sido quase mudas, talvez por tentarem expressar-se num português certo demais, absolutamente impossível no Brasil”. Aqui, talvez, possamos nos indagar, então: de

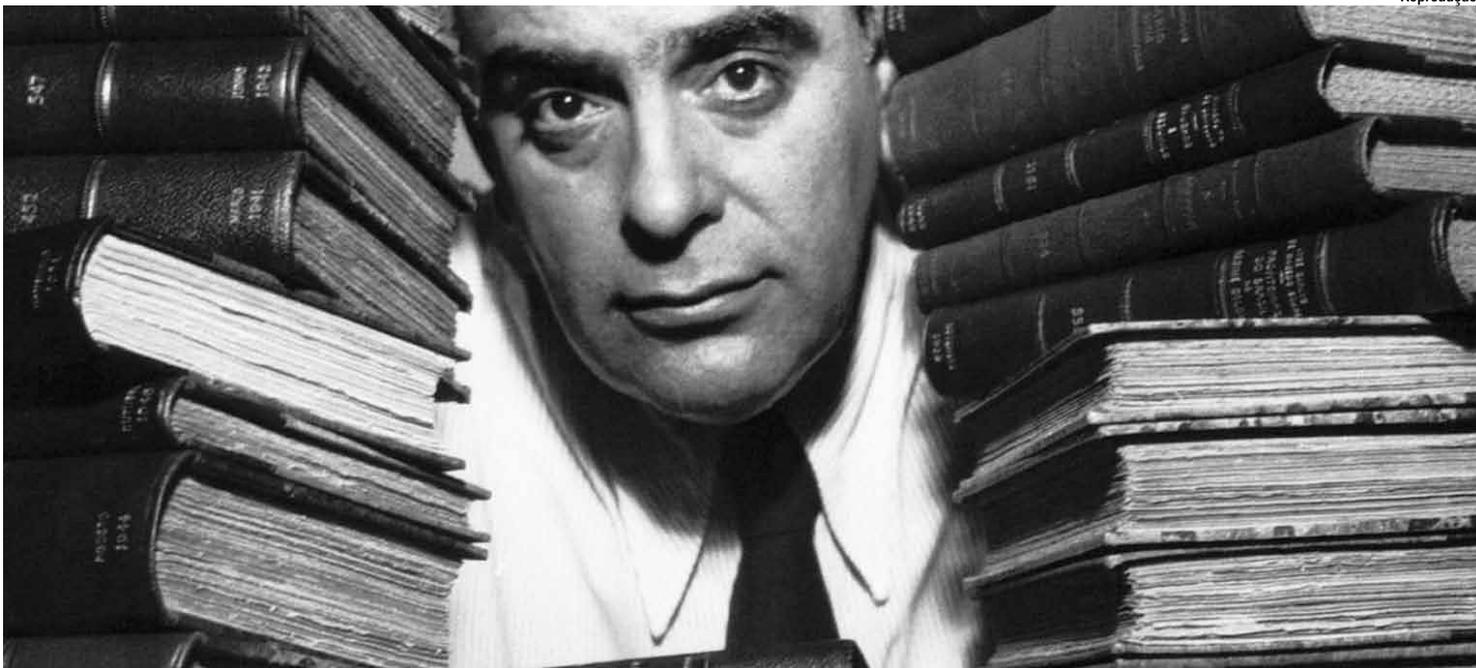
onde viria a consciência de Graciliano Ramos a respeito da necessidade de usar uma língua nacional em suas narrativas? Seria uma influência dos modernistas de 22, já que abrigar a língua portuguesa era uma de suas mais importantes premissas?

Em 1948, em entrevista a Homero Senna, Graciliano afirma que em sua primeira passagem pelo Rio de Janeiro não fez nenhuma camaradagem literária, já que “os escritores daquele tempo eram cidadãos que, nas livrarias e nos cafés, discutiam colocação de pronomes e discorriam sobre Taine. [Aqueles anos] assinalam, na literatura brasileira, uma época cinzenta e anódina (...)”. Portanto, o escritor já havia percebido que a língua com que se exprimiam os literatos do começo do século, vazia e pedante, não servia a seus propósitos. E a solução para esse impasse já havia

sido dada pelo menos desde meados do século XIX. A preocupação em fundar uma língua literária nacional está toda ela formulada em diversos textos teóricos de José de Alencar — os posfácios a *Diva*, de 1865, à 2ª edição de *Iracema*, de 1870 e à 2ª edição de *Sonhos D'Ouro*, de 1872, afóra cartas, artigos e crônicas, e que poderia ser resumida assim: “O povo que chupa o caju, a manga, o cambucá e a jabuticaba, pode falar uma língua com igual pronúncia e o mesmo espírito do povo que sorve o figo, a pera, o damasco e a nêspera?”. Graciliano leu Alencar em sua infância, e conhecia e apreciava as proposições do cearense — “Tinha eu dez anos de idade, quando comecei a admirar as bonitas descrições, a linguagem atraente do autor da *Iracema*”.

Em 1932, os originais de *Caetés* já se encontravam nas mãos do poeta e editor Augusto Frederico Schmidt, e

Reprodução



O editor e amigo José Olympio, que publicou grande parte das obras de Graciliano, incluindo o clássico *Vidas secas*.

Graciliano, de volta a Palmeira dos Índios, após breve passagem por Maceió, onde exerceu o cargo de diretor da Imprensa Oficial do Estado, andava às voltas com “ideias negras”: “(...) lembrei-me então dos criminosos dos contos [que havia salvado do fogo em 1926]. Um deles entrou a perseguir-me, cresceu desmedidamente, um que batizei com o nome de Paulo Honório e reproduzia alguns coronéis assassinos e ladrões meus conhecidos”. Em carta a Heloísa, datada de 1º de novembro de 1932, Graciliano afirma que *São Bernardo* está pronto, “mas foi escrito quase todo em português (...). Agora está sendo traduzido para brasileiro, um brasileiro encenado, muito diferente desse que aparece nos livros da gente da cidade, um brasileiro de matuto, com uma quantidade enorme de expressões inéditas, belezas que eu mesmo nem suspeitava que existissem. (...) Sendo publicado, servirá muito para a formação, ou antes para a fixação, da língua nacional”.

São Bernardo foi lançado em 1934, um ano após *Caetés*. Em 1935, diante de “novas dificuldades”, o criminoso do outro conto ressurgiu: “Localizei esse tipo na capital, fiz dele um pequeno funcionário, último galho duma família rural estragada, e dei-lhe um nome insignificante, Luís da Silva (...)”. Heloísa Ramos lembra que, como era ela quem datilografava os textos do marido, “não era raro acontecer de uma página longa manuscrita só restarem quatro, dez linhas. As outras, ele considerava imprestáveis, ele não só rasurava como passava o cigarro aceso sobre elas, para torná-las definitivamente ilegíveis”. Nada mais distante do “culto lúcido, inteligente, à correção da linguagem”, herdado de Eça de Queirós,

como lembra Leo Gilson Ribeiro, do que, por exemplo, a pregação de Oswald de Andrade, em seu Manifesto da Poesia Pau Brasil: “A língua sem arcaísmo. Sem erudição. Natural e neológica. A contribuição milionária de todos os erros”. Graciliano encantou-se exatamente com o potencial da língua falada no Nordeste, com seus arcaísmos e sua sintaxe: “Quando eu cometer um erro podem considerar que cometi por burrice”, afirmava, pois devia muito “aos caboclos do Nordeste, que falam bem”: “É lá que a língua se conserva mais pura. Num caso de sintaxe de regência, por exemplo, entre a linguagem de um doutor e do caboclo — não tenha dúvida, vá pelo caboclo, ele não erra”.

Se a linguagem usada em seus livros destoava daquela preconizada pela catequese nacionalista dos modernistas, mais remota ainda é sua pretensa filiação ao regionalismo, termo já bastante problemático como conceito. Ligia Chippini explica que “historicamente (...) a tendência que se denominou regionalista em literatura vincula-se a obras que expressam regiões rurais e nelas situam suas ações e personagens, procurando expressar suas particularidades linguísticas”. E ainda: “O grande escritor regionalista é aquele que sabe nomear; que sabe o nome exato das árvores, flores, pássaros, rios e montanhas. (...) embora ficcional o espaço regional criado literariamente aponta enquanto portador de símbolos para um mundo histórico-social e uma região geográfica existente”. Características que, em definitivo, não se aplicam à obra de Graciliano, como ele mesmo frisa: “não me preocupo em pintar o meio. O que me interessa é o homem daquela região aspérrima. (...) Foi essa pesquisa psicológi-

ca que procurei fazer, pesquisa que os escritores regionalistas não fazem (...)”.

Tomemos um a um os romances de Graciliano. A trama de *Caetés* transcorre numa pequena cidade, Palmeira dos Índios — e não no ambiente rural — e, embora mantenha traços de filiação naturalista (característica fundamental do regionalismo), o que importa na narrativa é a construção paulatina dos personagens mediante suas características psicológicas. O introvertido João Valério apaixona-se por Luísa, mulher de Adrião, dono da firma onde trabalha como guarda-livros. O caso vem à tona, denunciado por uma carta anônima, e o marido traído se mata. Arrependido, João Valério afasta-se de Luísa. Paralelamente, ele está tentando escrever um romance histórico, intitulado *Caetés*. Publicado na sequência, a história de *São Bernardo* se passa numa fazenda nos arredores de Viçosa, mas o que menos importa no desenvolvimento do livro é a paisagem. Aliás, o leitor entra e sai sem que ouça mugidos de vacas ou balidos de carneiros, sem se magoar em espinhos de mandacaru, sem torrar a cabeça sob o sol intratável do sertão. Apenas acompanhamos a derrocada moral do ex-guia de cegos, Paulo Honório, homem bruto e insensível, que destrói tudo à sua volta, inclusive a única pessoa que talvez o tenha amado em toda a sua vida, Madalena, sua mulher. Com *Angústia*, chegamos a Maceió. Grosso modo, poderíamos dizer que essa obra continua e aprofunda a técnica empregada em *São Bernardo*: trata-se de um relato confessional, cujo protagonista também é um fracassado, alguém fora de seu lugar. Mas, se em *São Bernardo* vislumbramos com a possibilidade de recomposição do “real”, ainda que

Reprodução



distorcido por um caráter doentio, em *Angústia* trata-se do total estilhaçamento da “realidade”. A motivação do personagem principal, Luís da Silva, é tentar sobreviver à própria mediocridade.

Em 1938, é lançado *Vidas secas*, talvez o único de todos os seus livros que alguém mais desatento poderia encaixar nos moldes pré-fabricados do regionalismo: a trama se passa no sertão de Alagoas e há referências explícitas à paisagem... Mas, o próprio Graciliano é o primeiro a descartar qualquer subordinação a escolas: “Não se trata de um romance de ambiente, como geralmente costumam fazer os escritores nordestinos e os regionalistas em geral. Eles se preocupam apenas com a paisagem, a pintura do meio, colocando os personagens em situação muito convencional. Não estudam, propriamente, a alma do sertanejo”. De maneira curiosa, justo aqui, Graciliano ousa experimentar formalmente, fazendo mais ou menos o que o condenou em Machado de Assis, um volume que não obedece a regras canônicas, que “tanto pode ser contos como capítulos de romance”, segundo sua própria definição. “Em 1937 escrevi algumas linhas sobre a morte duma cachorra (...) Dediquei em seguida várias páginas aos donos do animal. Essas coisas foram vendidas, em retalho, a jornais e revistas. E como José Olímpio [o editor José Olympio] me pedisse um livro para o começo do ano passado, arranjei outras narrações (...).

Graciliano Ramos, conhecido por sua casmurrice, coloca em xeque, com sua obra, vários pré-conceitos. Filiado ao Partido Comunista — suas prisões resultaram de sua sempre explícita militância —, nunca aceitou submeter-se aos dogmas stalinistas. Alagoano, e

descrevendo o homem nordestino, nunca se deixou limitar pelas imposições do chamado “regionalismo”. Romancista consagrado, não se permitiu seduzir pela facilidade do ofício e, após uma curta carreira — de *Caetés*, o primeiro romance, a *Vidas Secas*, o último, transcorreram apenas cinco anos —, buscou outras formas de expressão: as memórias, em *Infância* (1945) e *Memórias do Cárcere* (1953); os contos, em *Dois dedos* (1945), *Insônia* (1945) e *Histórias Incompletas* (1946); a literatura infantil, em *Histórias de Alexandre* (1944) e o relato de viagem, em *Viagem* (1954). “Não há talento que resista à ignorância da língua”, sentenciou este moderno antimodernista. Progressista conservador, conservador progressista, Graciliano Ramos buscou reinventar-se em cada nova obra de sua não muito extensa, mas fundamental bibliografia, aceitando com fatalismo a máxima por ele mesmo cunhada: “Nunca pude sair de mim mesmo. Só posso escrever o que sou. E se as personagens se comportam de modos diferentes, é porque não sou um só” ■

 **Luiz Ruffato** é autor das narrativas de ficção *Eles eram muitos cavalos* (2001), *De mim já nem se lembra* (2007), *Estive em Lisboa e lembrei de você* (2009), *Flores artificiais* (2014) e da pentalogia *Inferno provisório* (2005-2011), do livro de poemas *As máscaras singulares* (2002) e da coletânea de crônicas *Minha primeira vez* (2014) e do infantil *A história verdadeira do Sapo Luiz* (2014). Foi escritor-residente em Berkeley. É colunista semanal do jornal *El País* – edição Brasil e consultor de literatura do Instituto Itaú Cultural. Seus livros estão publicados na França, Itália, Portugal, Alemanha, Finlândia, Macedônia, Estados Unidos, Argentina, Colômbia, México e Cuba. Acaba de receber o Prêmio Internacional de Literatura Hermann Hesse, na Alemanha.

O PORTO BEBIDO E REVIVIDO



Ilustrações Bianca Franco

Esta história começa na “Regaleira”, na rua Bonjardim, numa noite de verão do ano de 1965.

Personagens à mesa: o Sr. Coelho, um homem elegante, empertigado, calvo e poderoso; um irmão dele — talvez se chamasse José —, de aparência modesta, como se a sua falta de capricho na maneira de vestir-se fosse uma estratégia, para não ofuscar o brilho do outro, notoriamente mais importante e vaidoso; os demais, num grupo de seis pessoas, eram da mesma família, moças e rapazes que pareciam só ter olhos e ouvidos para o digníssimo cavalheiro que, naturalmente, iria pagar a conta.

Havia, porém, um corpo estranho nesse quadro familiar: um brasileiro de 24 anos, recém-chegado de São Paulo, para trabalhar como redator de uma agência de publicidade em Lisboa, chamada Belarte, uma empresa que, como o seu dono, tinha a sua origem no Porto, onde mantinha a sua sede ou casamatrix. O Sr. Coelho — eis o homem —, achou que era pelo Porto mesmo que o brasileiro faria o seu batismo de fogo. Os dois, o patrão e o empregado, chegaram por via aérea, no final de uma bela tarde de domingo. Quando o avião começou a descer, o Sr. Coelho fez o brasileiro olhar pela janela, dizendo-lhe: “O senhor está a chegar a uma cidade de heróis.” Ao dizer isso, esboçou um sorriso, não apenas satisfeito por haver produzido uma frase de impacto (não fora ele o dono de uma agência de publicidade), mas por estar prestes a pôr

os pés no chão onde havia nascido. Em seguida, tirou do bolso um espelhinho e um pente. Mirou-se no espelho, que segurava com a mão esquerda e, com a direita, ajeitou cuidadosamente os cabelos que ainda lhe restavam, nas laterais da cabeça. Voltou a sorrir. O brasileiro achou que era bom trabalhar para um homem feliz, que, com toda a certeza, devia se considerar um herói, por ser um filho do Porto. Só não entendia porque esse homem tão feliz o chamava de “senhor”. Que infelicidade! No Brasil, isto era uma consideração para com os mais velhos ou uma formalidade para com os superiores hierárquicos. Lá não era costume chamar-se um jovem de “senhor”. Tratando-o assim, o Sr. Coelho fazia-o sentir-se um ancião, aos 24 anos.

Em terra, uma caravana os aguardava. O irmão do Sr. Coelho parecia indócil, ao perguntar, várias vezes, pelo brazuca, que se sentiu uma ave exótica ao ser chamado desta maneira. Mas logo percebeu o tom afetuoso do tratamento. Foi recebido com efusivos votos de boas-vindas. Nada mal, para começar.

Do aeroporto seguiram todos para o Grande Hotel do Império, na Praça da Batalha. O Sr. Coelho e o seu redator importado de São Paulo subiram aos seus quartos, que ficavam lado a lado, lá deixaram as suas malas e voltaram imediatamente ao saguão, para juntarem-se novamente à comitiva e seguirem com ela até à “Regaleira”, onde o brasileiro seria batizado com vinho verde na sua oipara primeira noite no Porto.

A mesa regalava-se a cada garrafa comandada pelo Sr. Coelho. “Embriagai-vos! De vinho, de poesia ou de virtudes!”, pensava o brasileiro, já um leitor de Charles Baudelaire. Mas o irmão do Sr. Coelho tinha pensamentos mais prosaicos. Queria saber se era verdade que os papagaios do Brasil falavam. Ao ser informado que alguns até cantavam o Hino Nacional, ele entrou em êxtase, como se acabasse de ouvir a coisa mais extraordinária que alguém já tivesse lhe contado. E, revirando os olhos, com o enlevo de uma criança, confessou o maior sonho de sua vida: “Ah, gostava muito de ter um papagaio. E dos mais faladores!”

O brasileiro, embora sensibilizado com o desejo do seu afável interlocutor, o senhor portuense que o recebera tão efusivamente, temeu pelo rumo da conversa. E não sem razão. Não demorou muito para o irmão do Sr. Coelho dar a cartada definitiva, ao perguntar se ele por acaso tinha prestígio suficiente no Brasil para mandar vir de lá um papagaio. E agora? Papagaio! (No Brasil, essa exclamação significava: Caraças!). Como sair dessa, sem deixá-lo desapontado? A situação não era das mais fáceis, até porque o homem era irmão do patrão. Naquele momento ele, o brasileiro, deu voltas à cabeça. Finalmente entendia a razão da ansiedade daquele que tanto havia perguntado, no aeroporto, se o braçuca viera, e de todos os salamaleques da recepção. Tudo por um papagaio!

— Temos problemas em relação a isso — disse o brasileiro. — A fiscali-

zação da Sociedade Protetora dos Animais é muito rigorosa com a saída de aves e pássaros do Brasil. Há uma lei que proíbe isto.

Ufa! Foi duro dar essa resposta àquele que tanto sonhava ter um papagaio.

O homem murchou. E emudeceu, num deplorável estado de desilusão. Não seria de estranhar se, mais tarde, na calada da noite, ele viesse a dizer para o irmão que a vinda do brasileiro não tinha valido a pena. Uma providencial voz feminina quebrou o silêncio, que já se tornava tenebroso:

— Tem piada! Ele é brasileiro mas não se parece com os outros.

— Como assim?

— Ele não tem os cabelos encaracolados como os outros.

O estranhamento tinha a sua razão de ser. De brasileiros ela só conhecia os jogadores que atuavam no Futebol Clube do Porto, a cada temporada, pelo visto todos negros. Ele aproveitou a oportunidade para esclarecer que seu país era multifacetado, multiracial, multicultural, multido. O Sr. Coelho, que o ouvia com atenção e interesse, de repente se deu conta de que algo errado acontecera à mesa: o brasileiro havia deixado muita comida em seu prato. Num tom de voz exasperado, perguntou:

— Por que o senhor come tão pouco? É para não perder a elegância?

O brasileiro assustou-se com a pergunta, para a qual não tinha uma resposta convincente. Distraira-se com a conversa, com o vinho, com o brande

depois do café... sabia lá por quê! Ou, vai ver, a “Regaleira” o deixara com saudades de um bar paulistano chamado “Baiúca”, onde, àquelas horas, o Zimbo Trio podia estar tocando: “Esta noite / quando eu vi Nanã / vi a minha deusa / ao luar...” E onde, no fim da madrugada, o último pianista tocaria “Round about midnight”, a música dos músicos, a trilha sonora das noites das cidades grandes, São Paulo, Rio de Janeiro, Nova York, Paris. Qual seria a música do Porto?, ele se perguntava, enquanto a voz do Sr. Coelho interferia em seus pensamentos, superpondo-se aos sons transatlânticos que vinham em camadas, na sua memória auditiva — o piano, a bateria, o contrabaixo, Tom Jobim e Baden Powell, o sax de John Coltrane, o trompete de Miles Davis.

— Imagine se coméssemos tão pouco como o senhor! Como poderíamos ter dado um Dom Afonso Henriques, aquele que, com uma única mão, sustentava uma espada de oitenta quilos?! — disse-lhe o Sr. Coelho, visivelmente contrariado.

Todos riram às bandeiras despregadas, como se o patrão tivesse contado uma anedota impagável. E quem é doído de não rir de anedota contada por um patrão? O brasileiro também riu. Aquela história de Dom Afonso sustentar uma espada de 80 quilos, com uma única mão, tinha piada, sim senhor. Não disse, mas pensou: “Caro Sr. Coelho: vim aqui para escrever os seus anúncios. E não para levantar espadas”.

CONTO | ANTÔNIO TORRES

E assim terminou a primeira noite dos meus 15 dias no Porto, daquela vez. Houve outras. A penúltima durou 1 ano e 6 meses. E cá estou novamente.

2.

28 de Janeiro de 2000.

O brasileiro voltou e já está à porta da “Regaleira”, depois de um bordejão de reconhecimento da cidade, capitaneado pelo professor Arnaldo Saraiva, que o levou primeiramente a revê-la de cima, para a reconstituição de sua memória visual, como num feixe de imagens do tempo a ser reconquistado. Tudo como dantes: há 35 anos também não faltou quem o levasse a contemplá-la das alturas, no outro lado do rio. É vendo-a de cima que se percebe que esta cidade foi uma fortaleza que não facilitava a entrada dos seus invasores d’antanho. Percebe-se mais: que o seu casario, tão esplendidamente fotogênico, sobe a encosta na mais perfeita harmonia, como se cada casa tivesse sido montada por um artesão, que depois a encaixou à mão, tomando todo o cuidado para não destoar dos demais, que por sua vez haviam-se desempenhado com o mesmo critério e rigor. É de cima que se vê melhor o quanto o rio é baixo: suas águas ficam muito aquém das ribanceiras. Foi lá de cima, de um deslumbrante posto de observação, que, por um breve momento, tentei rever a mim mesmo, ou, pelo menos, um pedaço da minha

juventude, quando perambulava no sobe-e-desce do lado histórico da cidade, que tanto fez parte da história de um pedestre anônimo, sem eira nem beira, no entanto a sonhar todos os sonhos do mundo, e que a um só se resumiam: tornar-se um escritor.

E nisto o Porto não me negou fogo, nas noites e dias gelados de seus longos invernos, nas suas chuvas de granizo a chicotear-me a cara, nos seus nevoeiros a fazer-me andar às cegas, nos seus verões de São Martinho em pleno novembro, quando a cidade sombria multicoloria-se, levando todos às tascas, na mais fantástica e compreensível das comemorações, em homenagem àquele que, por um período que em geral durava três dias, governava o Porto, fazendo jus a seu epíteto de astro-rei.

Havia sol também nessa tarde de Janeiro. Um sol esmaecido a produzir um efeito especial sobre o colorido das pontes, monumentos, paredes, portas e janelas. Como as águas do rio, tudo se doura, sob a luz tênue do entardecer. Suaviza-se a cidade granítica, que um dia a mim pareceu ter gerado homens empedernidos, que, subconscientemente, viviam a levantar espadas de 80 quilos, e com uma única mão! Ora viva: este brasileiro tem que reconhecer a sua dívida de gratidão para com esta cidade que um dia lhe pareceu de pedra até a alma, naqueles idos dos 60, nos estertores do reinado de Dom Antônio de Oliveira Salazar, diga-se. Como no título de Alexandre O’Neill, “Feira Cabisbaixa”,





os homens aqui pareciam viver encastelados num círculo de desesperança, a darem voltas em torno da sua melancolia, como em todo o país. Nestas circunstâncias, espaço e tempo, o Porto franqueou-me um laboratório para o meu processo criativo: aqui encontrei o cenário e os personagens de um romance chamado *Os homens dos pés redondos*. São estes personagens e este cenário o que tento reencontrar agora, ao chegar à “Regaleira”, embora já sabendo que a cidade já não é a mesma de trinta e cinco anos atrás: repaginou-se, cedendo às pressões do inescapável destino da modernização, aqui, registre-se, encontrando soluções arquitetônicas surpreendentes, ao estabelecer um visível equilíbrio entre passado e presente, tradição e modernidade. Mas vamos à “Regaleira”, que, trinta e cinco anos depois, continua no mesmo lugar. Com a sua mesma porta escura e o mesmo cartazete nela afixado: “Tripas à moda do Porto.”

Lá dentro, porém, já não parece mais a mesma. Entro e paro. O balcão, onde o ator João Guedes — que morava em Matosinhos — e eu bebíamos cerveja acompanhada de tremoços, às vezes contando com a alegria da presença da atriz Isabel de Castro, em temporada no Teatro Experimental do Porto, bem, o balcão da “Regaleira” parece mudado. Ficou maior e pior. Há agora um certo aspecto de decadência e vulgaridade num ambiente que antigamente assemelhava-se a um santuário, de tão intimista e aconchegante. No balcão, onde o João Guedes citava de memória tre-

chos e mais trechos do Grande sertão: veredas, o romance monumental do brasileiro João Guimarães Rosa, para os seus amigos que aqui vinham reencontrá-lo sempre, o que há agora é tão somente um solitário leitor de um jornal desportivo. É uma noite de sexta-feira e, estranhamente, só uma mesa do restaurante está ocupada, por um casal de idade avançada. Pelo visto, a “Regaleira” já conheceu noites mais felizes. Saudades do Sr. Coelho e seus familiares. Muito mais ainda do João Guedes. *Tempus fugit*. Como na música do pianista norte-americano Bud Powell.

Deixo a “Regaleira” e me ponho a andar. Vou até a esquina, à procura de uma tasca chamada Maria Rita. Ali, um desenhador chamado De Jesus, sempre com uma tesoura ao bolso e dizendo que iria enfiá-la na barriga do seu chefe, no dia seguinte, e o cabo Emílio, que toda noite contava a mesma história, na qual se via como um herói, quando, ao prestar serviço militar em Macau, deu um murro num tenente que lhe roubara a namorada, e fora posto num navio de volta, para amargar 5 anos de prisão — pois estes dois memoráveis personagens do Porto já não estão entornando um copo atrás do outro, na Maria Rita, pela simples razão de que aquela tasca não existe mais. E eles? Ainda estarão vivos? E o que fizeram ou fazem de si mesmos?

Vagueio pela Bonjardim em sentido contrário. Dou de cara com o luzidio edifício de 5 andares, que era um dos pilares do dinheiro do Porto. Ostentava na fachada um logotipo formado por

3 letras: BPM. Um artifício, que transformou uma casa bancária em “Banqueiros”. Era isso o que dizia o “B” do logotipo, fazendo-se passar por “Banco.” O PM significava Pinto de Magalhães, quem não sabe? Cá estou a ver o Sr. Afonso, um homem muito simples, de origem humilde, que começou como cambista de moedas na fronteira da Espanha, ao tempo da guerra: ele está atendendo a várias chamadas telefônicas ao mesmo tempo, do Brasil, de Paris, de Nova York. Ao seu lado, de pé, o seu genro Rodrigo segura-lhe os fones, fazendo as trocas de instante a instante, para que o sogro converse um bocadinho com um, depois com outro, volte àquele cuja conversa foi interrompida e assim vai. Bom e obediente rapaz, esse seu Rodrigo. Sogra e genro já não pertencem a este nosso mundo.

O BPM também já morreu, O seu edifício ostenta agora o logotipo de outro banco.

Logo por ali, na Sá da Bandeira, 56, último andar, ficava a Pali — Publicidade Artística Ltda. Laborei lá durante um ano e meio, trazido de Lisboa por um brasileiro, que por sua vez foi importado da Mac-Cann Erickson do Rio de Janeiro pelo banqueiro Afonso Pinto de Magalhães. E assim o carioca Eugênio Lyra Filho transformou um departamento de publicidade em agência, e a agência em mais uma empresa do conglomerado BPM. O bom Lyra também já se foi, lá no Rio. E onde estariam os outros camaradas desse tempo, como o belga René Coomans e o velho Mário Frazão? Foi dele que ouvi uma sábia declaração, sacramentada por um brande: “Escuta-me, rapaz. Bom não é ser pai. Bom é ser avô. O pai reprime. O

avô deixa o neto fazer o que quiser”. Ele acabava de ganhar um neto. Estava em estado de graça. Impossível recordar o Frazão sem um bocado de afeto.

Ninguém mais precisa me dizer que “A Brasileira” está fechada. Meninos, eu vi. Era em torno dela que homens soturnos gravitavam, até ficarem de pés redondos. Mas o “Majestic” continua vivo e ainda aqui, com toda a sua majestade, na rua de Santa Catarina, onde morei, lá mais para cima, dividindo um apartamento com o ator Luiz Alberto. Lembranças de um médico chamado Jorge Tunhas, que aqui lia um livro atrás do outro, enquanto aguardava ser chamado para a guerra. Uma noite, à véspera do embarque, tomou um pifa daqueles! Saiu urrando pelas ruas. Urros lancinantes, como uma fera ferida. O horror da guerra. O “Majestic” me recorda também uma moça que, nos fins de tarde, entre um café e outro, me ensinava inglês. No “Majestic” começo a leitura do Primeiro de Janeiro pelo expediente. Quero ver se o Manuel Dias ainda está lá e se já é o seu Diretor de Redação, Editor-Chefe, qualquer coisa assim. Importante! Lembro-me dele como um gajo esperto, rápido, criativo e... bom de copo! Se talento vale alguma coisa neste mundo, Manuel Dias já deve ser o dono do Primeiro de Janeiro. Decepção: o nome dele sequer figura no expediente. Deixo o jornal de lado. Não tem Manuel Dias? Não vai ter este leitor.

Falta-me coragem para subir a rua de Santa Catarina até o prédio onde morei. Saudades do Sr. Soares, o zelador. Ele adorava uma bagaceira, que bebia escondido da dona Angelina, nos fundos de uma pequena mercearia, no outro lado da rua. Depois da terceira

dose, puxava a carteira do bolso e dela retirava um retrato de dona Angelina quando jovem: “Ela é bonita, não é?” — dizia, embevecido. Não dava para discordar dele. Mesmo entrada em anos, dona Angelina continuava uma mulher muito bonita. Todo domingo, religiosamente, ele assava um bacalhau, que cobria com imensas rodela de cebola. E eu que não fizesse a desfeita de faltar ao seu almoço, servido sempre na sua pequena área de serviço. Jamais alguém neste mundo assou um bacalhau tão bom quanto o do Sr. Soares. Uma noite, dona Angelina me chamou à sua casa. Ele estava de cama e queria que eu fosse visitá-lo. Fui imediatamente. Sentei-me ao seu lado, perguntando se queria que chamasse um médico. Disse que não. Já estava entupido de remédios. De pé no quarto, dona Angelina reclamava: o marido não podia continuar bebendo do jeito que bebia, diariamente. Pediu-me para lhe dar uns conselhos, enfim, que o fizesse parar de beber. Enquanto ela saía resmungando, o Sr. Soares ordenou-me que levasse a mão por debaixo da cama, depressa, antes que a sua mulher voltasse. Obedeci-lhe. E fiz a caça ao tesouro escondido. Entreguei-lhe a garrafa. Com uma sofreguidão infantil, o Sr. Soares destampou-a e sorveu um trago. Depois estalou os beiços e sorriu, contente da vida.

Ao se recuperar da doença, procurou-me para dizer que dona Angelina o havia proibido de beber. Estava muito infeliz por causa disso, numa desolação de dar dó. Dei-lhe uma cópia da chave do meu apartamento, dizendo-lhe que quando sentisse vontade de um copo, era só ir lá e procurar um garrafão que estava na cozinha. Seus olhos brilha-

ram. Ele voltava a ser uma alma deste mundo. Eu não podia negar esse favor ao homem que fizera de tudo para impedir os moradores — todos os moradores! — de me expulsarem do prédio, por causa da música que eu ouvia e de uma festa que promovi, para as bailarinas e bailarinos da Gulbenkian, em apresentação na cidade. O Sr. Soares conseguiu impedir a minha expulsão com um argumento tirado da manga, como o jogador que puxa a última carta, ainda que seja um blefe: “O senhor doutor não conhece bem os seus inquilinos”, disse ele ao proprietário do prédio, acrescentando: “Dia destes, às duas horas da manhã, uma moradora do segundo andar me acordou para fazer calar um cachorro que latia na rua. Isso é lá trabalho para um zelador?” O Sr. Proprietário sorriu e respondeu-lhe que podia ir-se, mas que recomendasse ao brasileiro para não mais fazer barulho. Estava farto de reclamações. Grande Sr. Soares. Nenhum advogado teria feito melhor. “A partir de agora, abaixe um pouco a música, senão vou ficar desmoralizado”, sentenciou o meu competentíssimo defensor.

No dia em que fui embora ele não apareceu. Dona Angelina chegou até a porta do edifício para um abraço de despedida. “E o Sr. Soares?” Ela então esclareceu que ele se recusara a se despedir de mim. Na verdade, estava de cama. Havia adoecido, ao saber que eu ia partir. Que porra. Ele doente e eu não iria estar mais ali, para caçar o tesouro debaixo da cama, o único remédio que seria capaz de curá-lo, junto com o meu afeto, quem sabe.

Recordações à mesa do Majestic, observando um cavalheiro de seus trinta e poucos anos, impecavelmente ves-

tido, que pede café e água, depois abre o seu laptop, colocado sobre o sofá, e começa a trabalhar, como se estivesse em casa ou no seu escritório. De repente o seu celular toca. Ele leva a mão ao bolso, pega o aparelho e atende a ligação telefônica. Depois, recoloca o celular no bolso e volta à sua lida, em frente do computador. Passado algum tempo, desliga-o. Quando volto a observá-lo, vejo que ele tem uma mão sobre o laptop e a outra está a mexer e remexer com a colherzinha no açucareiro, e a olhar fixamente para a parede de vidro na frente do café. Penso ter finalmente reencontrado um remanescente — ou herdeiro — dos homens dos pés redondos, por este olhar tão parado e penetrante, como se fosse furar a parede. Era uma cena típica da Brasileira. Mas as minhas recordações dizem menos respeito ao cidadão com todo o jeito de executivo da era yuppie, do que de amigos de um outro tempo: onde estará e o que faz hoje o publicitário Carlos Guimarães, que me deu guarida, enquanto eu procurava um lugar para morar? Foi na casa dele que eu vi, pela TV, o Brasil levar urna surra de Portugal, na Inglaterra, na Copa do Mundo de 1966, o ano do Euzébio. E o lisboeta Manuel Pena Costa, diretor da Manpower Portuguesa, ainda passa temporadas por aqui, na condução de seus negócios, e a sorver uma ginginha, depois do expediente, para espantar o frio? E a atriz Mirna Vaz, que papel andarás desempenhando? A ex-Miss Objetiva de Portugal Lydia Franco terá voltado a apresentar-se aqui com o balé da Gulbenkian? Em que palco o Luiz Alberto será encontrado? E Isabel Ruth, teria voltado ao Porto, depois daquele ano

em que atuou no filme *Mudar de vida*, de Paulo Rocha, rodado ali perto, em Furadouro-Ovar? E Paulinha Guedes, que conheci criança e se tornou uma bela atriz, alguma vez revisitou Matosinhos? O realizador de cinema José Fonseca e Costa ainda se lembrará que foi ele quem me trouxe de carro, num belo dia ensolarado, quando vim para morar, deixando-me na Brasileira, aos cuidados do Carlos Guimarães?

Essa peregrinação memorialística vai levar a uma notícia triste: amanhã o Manuel Dias nos informará, a mim e ao professor Saraiva, que o nosso grande amigo Alberto Sérgio, o bancário e jornalista esportivo, já não poderá mais, nunca mais, ser convidado para o almoço, como nos velhos tempos. Faz um ano que ele mudou-se do Porto para a cidade dos pés juntos. E assim, o meu Porto revivido não deixou também de ter uma nota de melancolia, como que saída de uma página de Scott Fitzgerald, num de seus textos mais candentes, intitulado *Minha Cidade Perdida*.

3.

O meu centro de gravitação no Porto era esse mesmo que é chamado de “cidade histórica.” Das sombras do BPM à rua de Santa Catarina, almoço e jantar no “Rei dos Fritos”, na Praça de São Lázaro, onde havia um reservado para a malta da Escola de Belas Artes, a do Teatro Experimental e este redactor. Ao final das refeições, uma moça chamada Izilda, filha do dono da casa, trazia as contas e um livro comprido, no qual cada um procurava o seu nome e anotava a sua despesa do dia, para pagar no fim do mês. Especialidades do “Rei

dos Fritos”: tripas á moda do Porto (naturalmente) e papas de sarrabulho. Mas o cardápio era bem variado. Ali comia-se a gosto, fartamente, e barato. E ainda com a vantagem do “pendura”. Depois do almoço, café com brande no “Belas Artes”, na outra ponta da Praça de São Lázaro. Quando o dinheiro dava, íamos ao “Chez Lapin”, na Ribeira, agora o point da moda, da “muvuca”, com todas as inconveniências disto, não certamente para os negócios.

Fora deste polígono, fico perdido, ainda mais agora, com as mudanças que a cidade sofreu, principalmente para além do seu perímetro histórico. Talvez precisasse morar mais um ano e meio no Porto, para adaptar-me às exigências que a contemporaneidade lhe impôs, e aceitá-las sem traumas, como o fazem seus habitantes, com um indisfarçável orgulho. A questão é simples e compreensível: se revivi o seu lado antigo e pouco ou nada vivi o novo, é porque foi no Porto histórico que tive uma história. Seja como for, “Biba o Puerto, carago!!!” ■

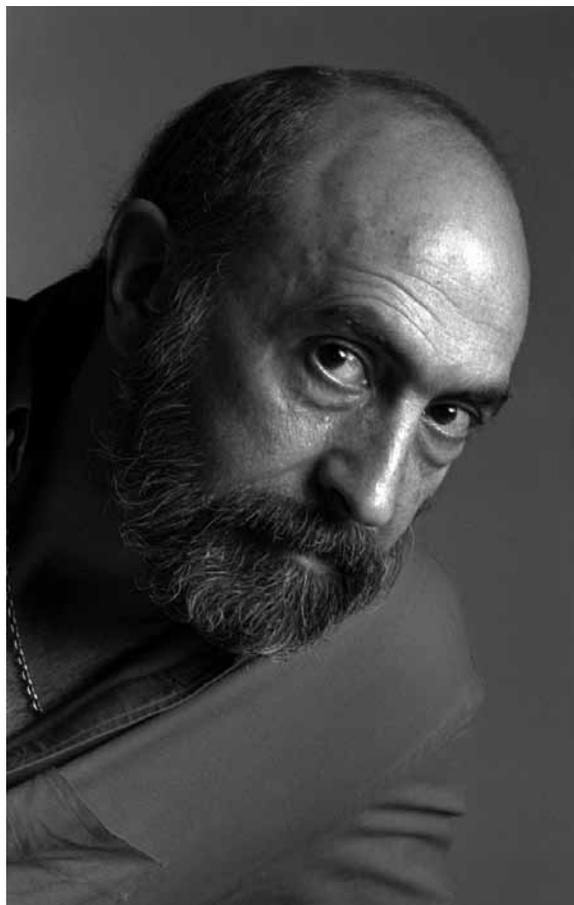
 **Antônio Torres** nasceu em 1940, em Junco (BA). Estreou na literatura em 1972, com o romance *Um cão uivando para a lua*. Em 1976, publicou *Essa terra*, seu maior sucesso, que já foi traduzido para o francês, espanhol, italiano, alemão, hebraico e holandês. Também é autor de *Balada da infância perdida*, *Os homens de pés redondos*, *Meu querido canibal*, entre outros livros. Em 1998, foi condecorado pelo governo francês com o Chevalier des Arts et des Lettres. O escritor é membro da Academia Brasileira de Letras (ABL) desde 2014. Torres vive em Itaipava, distrito de Petrópolis (RJ).

ENSAIO | VILMA SLOMP

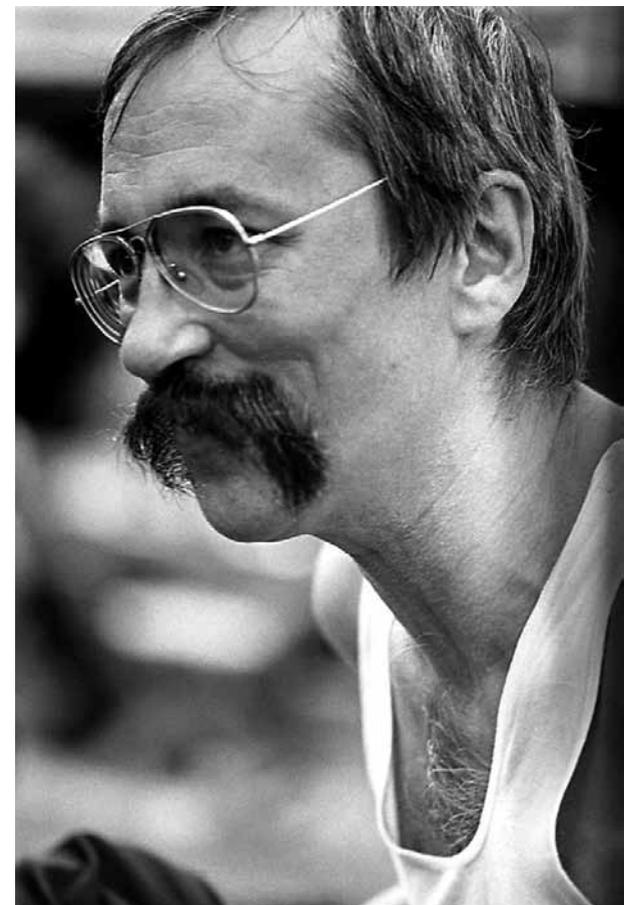


Helena Kolody

Conhecida por seus retratos de personalidades paranaenses, Vilma Slomp coleciona registros de quase todos os escritores consagrados de Curitiba — nascidos ou radicados na cidade. “Todos são ou foram meus amigos em algum momento”, afirma a fotógrafa, na ativa desde os anos 1970. Com um currículo que inclui o prêmio International Hasselblad (da fundação sueca homônima) e exposições individuais no Brasil e no exterior, Vilma tem cinco livros, entre eles *Dor* (1998) e *Curitiba central* (2013).



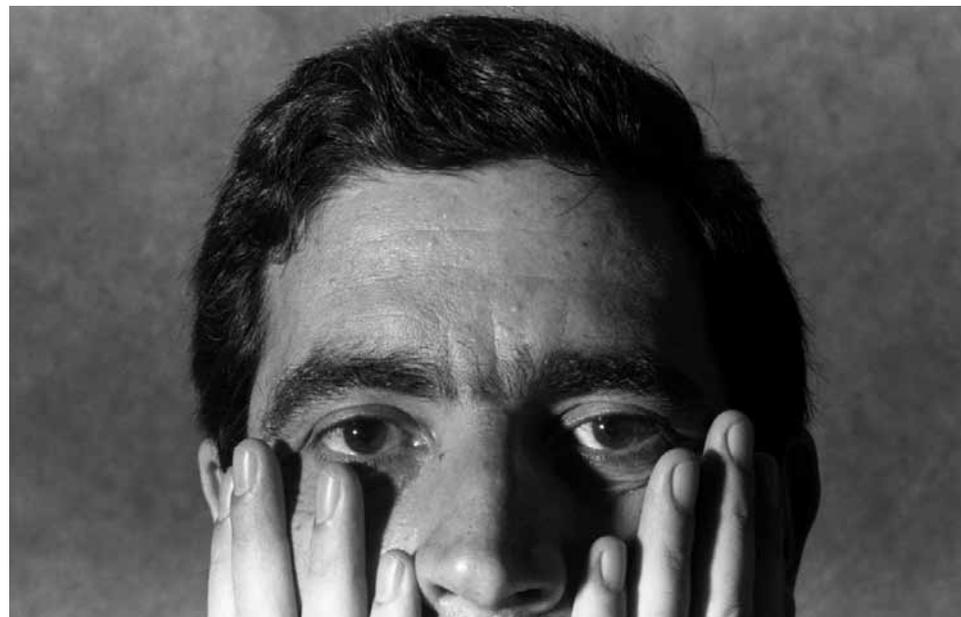
Jamil Snege



Paulo Leminski



Cristovão Tezza



Wilson Bueno

ENSAIO | VILMA SLOMP



Valêncio Xavier



Sylvio Back



Décio Pignatari



Laurentino Gomes



Alice Ruiz

Início poético e romântico

As primeiras manifestações literárias conhecidas no Paraná, ainda no século XIX, foram por meio de poemas, com destaque para a obra de Júlia da Costa

MARCIO RENATO DOS SANTOS

No início, o Paraná era (de) São Paulo. A partir do dia 19 de dezembro de 1853, o Estado deixa de ser a quinta comarca paulista e, enfim, se emancipa. “Devido a esse fato é difícil, e complexo, apontar — exatamente — o marco zero da literatura paranaense”, diz o professor da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste) Antonio Donizeti da Cruz. Para resolver tal impasse, comenta o estudioso, seria necessário realizar ampla e detalhada pesquisa sobre o tema — tarefa que ainda está por ser feita.

Já o professor da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) Marcelo Franz afirma que a lógica a respeito do início da literatura no Paraná é a seguinte: se houve produção anterior a 1853, do ponto de vista político, ela é paulista. Ele observa que, para tratar da identidade literária de uma região, é importante recorrer ao conceito de “sistema literário” adotado pelo professor aposentado da Universidade de



Cena da peça *Flores dispersas*, sobre a vida e a obra de Júlia da Costa, encenada na Biblioteca Pública do Paraná, em 2014, pela Cia de Teatro Laurinha Produções.

São Paulo (USP) Antonio Candido, para quem autores escrevem e publicam as suas obras e são lidos por um público, gerando, dessa maneira, uma tradição.

“Levando em consideração essa proposta, só podemos falar — se pudermos — em literatura paranaense se tivermos em vista a tríade formada por autor local, criando uma expressão e uma visão do mundo que traduza um ‘etos’ local e dirigindo-se conscientemente a um receptor local, que assim se identifica”, diz Franz.

Tal sistema ainda não existia no Paraná no século XIX — contexto em que, de acordo com o pesquisador da

UTFPR, a manifestação literária era episódica, não sistemática, sufocada por limitações técnicas. “Não havia por aqui, que se saiba, editoras, talvez poucas livrarias, além, é importante lembrar, da posição pouco desenvolvida econômica e politicamente da própria província”, argumenta, acrescentando que, “reivindicar como paranaense a misteriosa produção daquele período, é algo problemático.”

Júlia, a poeta

A pesquisadora Marilda Binder Samways, autora do livro *Introdução à literatura paranaense*, aponta para o parnanguara Fernando Amaro (1831-

1857) como o autor mais antigo do Paraná — ponto de vista compartilhado por outros estudiosos. Amaro colaborou, por exemplo, com o *Dezenove de Dezembro*, o primeiro jornal do Paraná, que entrou em circulação no dia 1.º de abril de 1854 — e o seu livro *Versos* só aparecia, postumamente, em 1901.

No entendimento de Franz, há dados insuficientes para estudar o valor do legado de Fernando Amaro, do qual pouco restou. Essa carência de informação, ressalta o professor, leva à situação de se enaltecer apenas um dado circunstancial extraliterário — o fato de ele ter nascido e vivido aqui em meados do século

XIX, antes da emancipação — como fator de inclusão desse autor na história de nossas letras. “Acho isso perigoso e limitador do ponto de vista crítico”, analisa.

No já citado livro *Introdução à literatura paranaense*, Marilda Binder Samways afirma que a parnanguara Júlia da Costa (1844-1911) é outra voz que se destaca no início da literatura paranaense — opinião endossada por Marcelo Franz. Autora, entre outras obras, de *Flores dispersas, 1.ª série* (1867) e *Flores dispersas, 2ª série* (1868), Júlia foi uma poeta de seu tempo, em que predominava o romantismo — o seu percurso dialoga com o ideário romântico: casada com um homem 30 anos mais velho, o Comendador Costa Pereira, ela se apaixonou pelo poeta Benjamin Carvoliva, com quem trocou cartas.

Então, se a primeira manifestação expressiva literária do Estado é a obra de Júlia da Costa, é possível afirmar que a literatura no Paraná tem um início romântico e poético. “Sim, essa definição é correta. O romantismo pode ser visto, sim, como a primeira idade literária local”, avalia Franz.

O professor da UTFPR ainda chama atenção para o fato de que no século XIX, no Paraná, o momento não era favorável à produção escrita por mulheres: “Júlia da Costa, portanto, ocupa posição importante pelo pioneirismo. Era uma mulher de atitudes ousadas. Sua poesia é sentimental, romântica, intimista, com algumas pitadas de espiritualidade. É tudo bem convencional, mas creio que ela [que também viveu em São Francisco do Sul (SC)] poderia ter expandido sua arte se vivesse num contexto — de tempo e lugar — mais oportuno.” ■

Reprodução



Capa do livro *Versos*, de Fernando Amaro, publicado em 1901.

POEMA DE JÚLIA DA COSTA, DO LIVRO *BOUQUET DE VIOLETAS*

“Queixas”

Outrora, outrora eu amava a vida
Meiga, florida na estação das flores!
Amava o mundo e trajava as galas
Dos matutinos, virginais amores.

Que sol, que vida, que alvoradas belas
Por entre murtas eu sonhava então,
Quando ao perfume do rosal florido
Da lua eu via o divinal clarão!

Hoje de balde no rumor das festas
Procuo crenças que só tive um dia!
Minh'alma chora e se retrai sozinha,
O pó das lousas a fitar sombria!

Embalde, embalde, o bafejo amado
Da morna brisa minhas faces beija!
Meu peito é frio, como é fria a nuvem
Que em noites claras pelo céu adeja!

Embalde, embalde, no ruído insano
Das doidas festas eu procuro a vida!
Meu corpo verga... meu alento foge...
Sou como a rosa do tufão batida.

Reprodução



Uma das capas da revista *A Galeria Ilustrada*.

MOVIMENTOS INICIAIS

João Batista Ribeiro. Antonio Martins de Araújo. Teófilo Soares Gomes. Antonio Ribeiro de Macedo. Luiz Ferreira França. Antônio de Camargo Pinto. Joaquim Serapião do Nascimento. Gabriel Pereira. Albino Silva. Rocha Pombo. Estes são alguns dos pioneiros da literatura do Paraná.

O professor da UTFPR Marcelo Franz diz que, de maneira geral, muitos deles têm obra pouco aparente. “Com exceção de Rocha Pombo, autor, entre outros, do romance *No hospício* (1905), quase nenhum deixou livro que se pudesse estudar. São autores que publicaram em revistas”, afirma Franz. *A Galeria Ilustrada*, que circulou de 1888 a 1889, em 21 números, é uma das principais publicações do período.

Em 1890, Curitiba tinha uma população, estimada, de 24 mil pessoas — informação que sugere que o impacto da produção literária daquele tempo, naquele mesmo tempo, pode ter sido “tímido”. “As tiragens eram irrisórias e, considerando o grande número de iletrados — não só em nossa província —, deduz-se que os leitores de qualquer literatura tenham sido parte de uma elite. A vinculação dessa primeira produção ao ambiente dos periódicos faz crer que os leitores-alvo de quem escrevia literatura fossem uma pequena casta de informados, presumivelmente ligados ao grupo de melhor poder aquisitivo ou político”, analisa o professor.

A marca simbolista

Movimento poético de repercussão nacional, o simbolismo ganhou características próprias no Paraná e se tornou hegemônico na cena literária local nas primeiras décadas do século XX

LUÍZ REBINSKI

Surgido no começo do século XX, o simbolismo marcou uma fase importante da literatura paranaense. Influenciados por escritores europeus como Mallarmé, Verlaine e Baudelaire, os simbolistas do Estado cultuavam valores aristocráticos e tinham, no plano temático, atração pelo oculto e pelo mistério.

Essencialmente poético, o movimento teve adeptos em vários cantos do Brasil, mas se aclimatou e ganhou características próprias no Paraná, conforme explica a pesquisadora Cassiana Lacerda. “Pelo que produziram e, pelo efeito que suas atividades tiveram na sociedade, o caso paranaense chama a atenção dada a força assumida pela nova estética e sua projeção na sociedade, a ponto de tornar-se a literatura oficial”, diz.

Professora aposentada da Universidade Federal do Paraná (UFPR), Cassiana fala, entre outros assuntos, sobre a importância das revistas na difusão da produção dos simbolistas e como, em um período marcado pela precariedade na circulação de informações e pelo analfabetismo, uma geração de autores se fez notar no Paraná, principalmente em Curitiba.

É consenso entre os estudiosos que o simbolismo teve, em território brasileiro, maior ressonância no Paraná, especificamente em Curitiba. Quais foram as razões para que isso tenha acontecido?

Cumprir lembrar que, antes de o simbolismo chegar ao Paraná, o movimento deu seus primeiros passos em São Paulo, mais especificamente em torno da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, onde Emiliano Perneta, estudante daquela instituição, liderava um grupo interessado na literatura voltada para o sonho e para o mistério. Pelo que produziram e, pelo efeito que suas atividades tiveram na sociedade, o caso paranaense chama a atenção dada a força assumida pela nova estética e sua projeção na sociedade, a ponto de tornar-se a literatura oficial. Ganhando outros contornos em razão das origens e interesses, somados aos contatos e influências e transformações sociais, tudo concorreu para o surgimento de uma “geração de notáveis”. Tanto assim, que, com certa ironia, João do Rio disse: “A meu ver, só Curitiba deu-se até agora de centro literário independente e forte. Mas esses brilhantes rapazes fize-

ram-se esoteristas, simbolistas, kabalistas, impossibilistas”. Portanto, graças ao surgimento de uma geração mais forte de intelectuais, à duração e penetração do movimento e devido ao número de escritores e revistas, é que o simbolismo se afirma entre nós.

Importado da França, o nosso simbolismo ganhou que tipo de características aqui? O que o difere da matriz? Quais os temas recorrentes?

Não há dúvida de que a atração pelo “oculto” e pelo “mistério” é a marca de nossos simbolistas, especialmente a poesia de Dario Vellozo e a de seus seguidores. Por sua vez, a poesia de Emiliano Perneta é marcada por uma incessante busca do absoluto, pelo requinte, inadaptação de quem “ama a névoa que fugiu”, alto domínio da linguagem, o que imprime certo alquimismo na sua poesia, tornando-o capaz de transformar abismos em torres. Dario Vellozo caminha cada vez mais em direção a uma poesia erudita e de ideias comprometidas com o sonho e o ideal pitagórico que tanto defendeu e que tentou materializar com a fundação da Escola Brasil-Cívico.

Reprodução



Os poetas simbolistas Dario Vellozo, Antônio Braga, Silveira Neto e Júlio Perneta.

Em *Panorama do movimento simbolista brasileiro*, Andrade Muricy cita o poeta francês Roger Bastide, que escreveu o seguinte sobre o poetas locais: “O simbolismo no Paraná é a primeira manifestação de um Brasil diferente contra o Brasil tropical, uma consciência literária daquilo que o Paraná tem de específico, e portanto de autenticamente brasileiro”. O simbolismo foi, além de literário, um movimento político de legitimação da cultura paranaense? Ele tem conexões com o paranismo?

Não creio que tenha havido esse determinismo climático para a ocorrência da temática dos luares de “inverno”, da neblina, dos cavaleiros de luar, etc. Isso porque Alphonsus Guimarães, Gustavo Santiago e Pedro Kilkerly (simbolistas de outros Estados) são a demonstração de que essa recorrência não é privilégio dos simbolistas do Paraná. O que houve aqui foram condições favoráveis para uma estética. E sua aceitação social culmina quando o movimento torna-se solar, panteísta e quando são realizadas as “Festas da Primavera”. É quando também surge a revista de uma segunda geração de autores, *Fanal* (1911), liderada por Tasso da

Silveira, tendo no culto a Emiliano Perneteta sua marca. A cidade é tomada pelos desfiles e Emiliano é coroado, no Passeio Público, como Príncipe dos Poetas Paranaenses. No período inicial, através da revista *O Cenáculo*, quando a liderança mais forte era Dario Vellozo, o movimento toma rumo acentuadamente maçônico e anticlerical. Na fase panteísta, com o predomínio da literatura solar, o pinheiro torna-se um ícone, mas sem ser uma bandeira paranista, movimento que terá mais força artística na linguagem das artes plásticas em torno de João Turin, Lange de Morretes e, no campo das ideias, com Romário Martins, Rodrigo Jr, entre outros.

O período em que o simbolismo surge, a virada do século XIX para o século XX, é marcado pela precariedade na circulação de informações. Ou seja, as bibliotecas eram escassas ou inacessíveis, a circulação de livros bastante restrita e a imprensa limitada. Além disso, Curitiba estava longe dos principais centros literários do país. Diante de tantas adversidades, como o movimento simbolista se fez presente na vida cultural brasileira?

É preciso notar que no percurso da penetração do simbolismo no Brasil a presença dos paranaenses se faz em São Paulo e no Rio de Janeiro, além de Curitiba. Sem contar que o grande crítico do período era Nestor Victor (um nome injustamente esquecido), que morava no Rio de Janeiro e colaborava em *O Globo* e se encarregou de divulgar a produção de seu Estado natal e a obra de Cruz e Sousa. Por sua vez, o empenho de Dario Vellozo em distribuir as revistas e livros aqui publicados foi notável, isso além de representar inúmeras revistas cariocas e paulistas.

As revistas foram muito importantes na difusão da obra dos poetas simbolistas. Eram os periódicos os meios mais eficazes para os escritores serem lidos? Aliás, em que condições essas revistas eram feitas e circulavam?

Sim, as revistas foram o principal meio de circulação da nova dicção, do ideário, enfim, da produção dos simbolistas locais. No Paraná, o interesse pelo símbolo e pelo esotérico circula mais nas reuniões e debates, ganhando força com o surgimento do grupo e da revista *O Cenáculo* (1895-1897), tendo à frente Dario Vellozo, Silveira Netto, Júlio Perneteta e Antônio Braga. É preciso notar, que por longo período, a *Revista Club Curitibano* (1890-1912), mesmo sem ter um ideário definido, divulgará textos dos integrantes de *O Cenáculo* e acolherá novos nomes, permitindo traçar um longo período de duração e de evolução do grupo. Essas revistas eram artesanais, altamente requintadas, mas com tiragem pequena e distribuição dirigida. Convém notar que Dario Vellozo era tipógrafo e Silveira Neto artista plástico. Outro fator fundamental foi a distribuição para outros Estados, sempre a cargo do empenho de Vellozo.

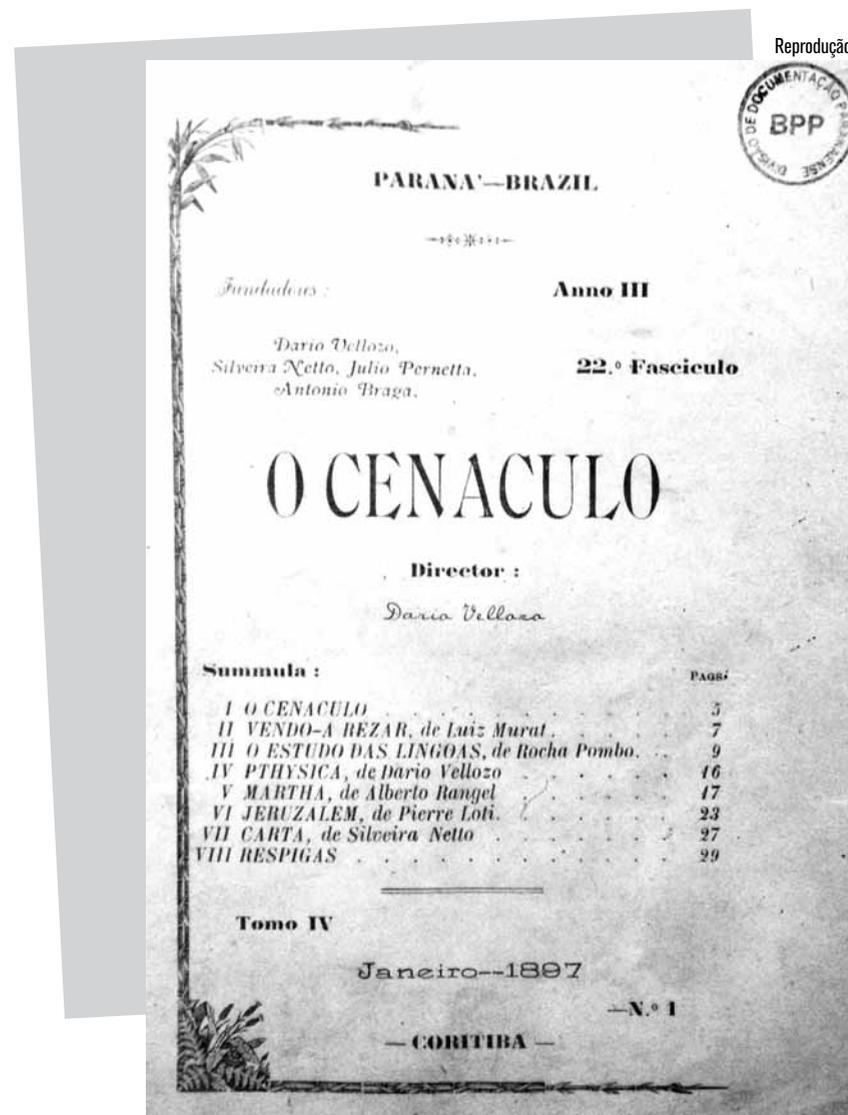
A revista *O cenáculo* foi a mais importante?

O Cenáculo foi mais do que uma revista. Nas reuniões no “Karoim”, de Dario Vellozo, ou na biblioteca do Club Curitibano, contrariamente ao que se imagina, o debate era a defesa dos índios, do anticlericalismo e da maçonaria, portanto a proposta de novos rumos para a literatura. O interesse pelo simbolismo só irá eclodir em revistas menores e em *Club Curitibano*. Outro impulso foi dado pelo retorno de Jean Itiberé, que estudava na Bélgica e foi

companheiro de Maurice Maeterlinck e Émile Verhaeren, integrando o grupo da “Jeune Belgique”. O autor de *Préludes* chega como um informante rico em contatos e leituras, especialmente sobre o simbolismo esotérico. Em 1895, Emiliano Perneteta retorna a Curitiba, muito mais maduro como poeta, mas revoltado com a ideia de viver na província. Imediatamente passa a liderar a nova literatura, sem as preocupações ideológicas de Dario Vellozo. Novos nomes aparecem e pequenas re-

vistas são reveladoras de textos voltados para uma arte mais depurada e interessada na musicalidade, nas novas possibilidades do símbolo, do mistério e do oculto, como *Galáxia* (1897), *Pallium — Pela Arte, Pelo Sonho* (1898), *Azul* (1900) *Breviário* (1900) e *Turris Eburnea* (1900).

Outra questão instigante se refere a Cruz e Sousa. Mesmo vindo de em uma cena mais acanhada, como era a de Santa Catarina, o poeta conseguiu



A revista *O Cenáculo* (1895-1898) foi um importante canal de divulgação das ideias e da literatura do poetas simbolistas de Curitiba.

maior reconhecimento nacional do que os autores paranaenses. Por que a senhora acha que isso aconteceu?

Esta perspectiva de que Cruz e Sousa produziu numa cena mais acanhada é equivocada. Na província, o poeta viveu grandes dificuldades e publicou apenas uma obra, em parceria com Virgílio Várzea. Em 1889, mudou-se para São Paulo e é acolhido em *O Mercantil*, onde publica seus primeiros textos fora da província, mas sua vida financeira permanece difícil. No ano seguinte, no Rio de Janeiro, é acolhido por Emiliano Pernetta e Nestor Victor e começa a trabalhar na estrada de ferro Central do Brasil. Em contraste com o requinte de sua poesia, leva uma vida miserável com a mulher, Gávia, e seus 4 filhos. Em 1893 consegue publicar os livros *Missal* (com o subtítulo “Brasil-Sul”) e *Broquéis*, mas sem alcançar sucesso. Tomado pela tuberculose, Cruz e Sousa é auxiliado por Nestor Victor e segue para Minas Gerais a fim de tratar-se numa estação de águas. Seu retorno, morto, num vagão junto com cavalos, causou a maior comoção entre os companheiros. A crítica oficial — particularmente Silvio Romero, que havia escrito um longo ensaio, pouco favorável, a *Broquéis*, no qual diz que o ritmo de seu poemas lembra o tam-tam dos negros — revê sua posição. Diante do episódio, a crítica mobiliza-se para divulgar a obra de Cruz e Sousa, agora conhecido como o “Cisne Negro” ou “Dante Negro”. Entre os simbolistas, dividem-se os promotores da obra. Nestor Victor, que ficou de posse dos originais, se encarrega de divulgar novas edições e de promover com vigor a obra do sofrido poeta. Saturnino de Meirelles funda a revista “Rosa-Cruz”, interessada em divulgar a poesia de Cruz e

Sousa, agora bem-vista pela crítica oficial. Desse modo, não foi a província natal que reconheceu seu poeta. Foi sua consagração póstuma, ocorrida na capital das letras.

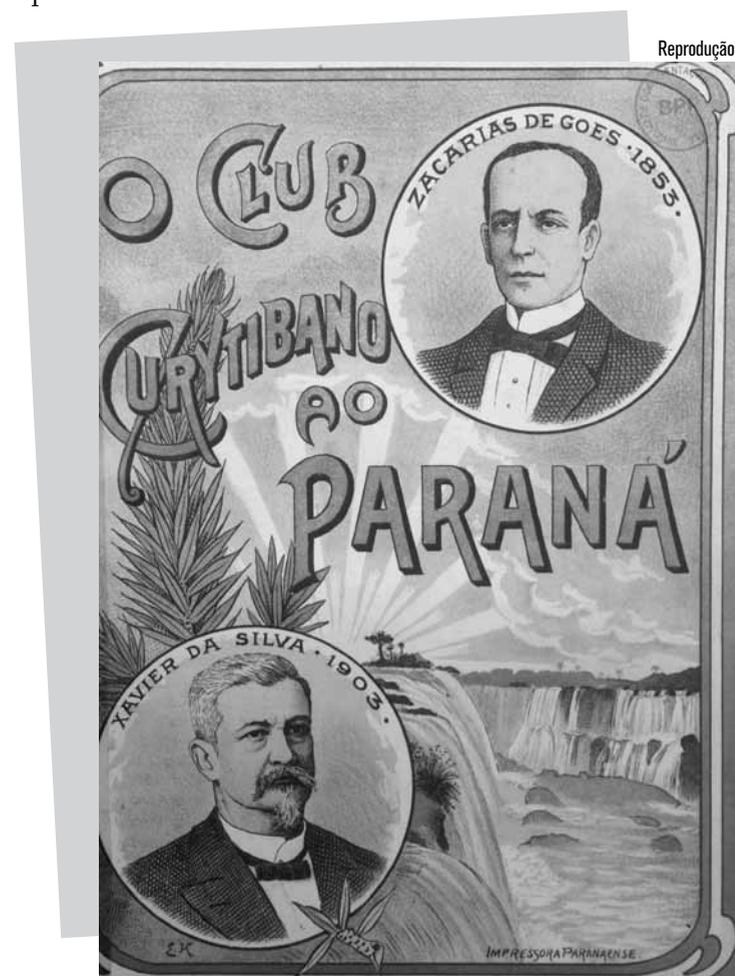
Recorrendo mais uma vez a *Panorama do movimento simbolista brasileiro*, de Andrade Muricy, o autor escreve que muitos modernistas, como Raul Bopp, foram influenciados pela poesia simbolista (ainda que não admitissem tal influência). Por que o movimento, ao invés de ser assimilado pela geração subsequente, foi rechaçado?

A questão da influência literária é muito complexa e demanda detalhados trabalhos de literatura comparada, sob pena de ficar na intuição. Nunca me detive na obra de Raul Bopp para fazer afirmações desse gênero. O simbolismo foi rechaçado pelos modernistas de São Paulo por sua aparente alienação, mas nunca é demais lembrar que Mario e Oswald de Andrade, além de Tarsila do Amaral, frequentam os salões decadentes de Freitas Valle (Jacques d'Avray) e que a epígrafe de *Paulicéia desvairada* é de Verharen. Talvez o contato com Jacques d'Avray, com poemas como “est bleu Le myosotis/ Le myosotis est bleu”, impressos em papéis requintados, tenha assustado os modernistas frequentadores da Villa Kyrial. Os novos sempre precisam negar os consagrados, ainda que em São Paulo não existissem simbolistas expressivos à época do modernismo. No Rio de Janeiro foi completamente diferente. O modernismo se impôs através da revista *Festa* (1920-30), de Tasso da Silveira e Andrade Muricy, periódico em sintonia com o cubismo, o futurismo e o dadaísmo. No periódico colaboram Cecília Mei-

reles, Murilo Araújo, Gilka Machado, Carlos Drummond de Andrade, Correia Dias, Alceu Amoroso Lima e tantos outros. Logo, há um modernismo tributário do simbolismo, mesmo que não tenha tido a força do movimento paulista e que Drummond tenha publicado texto de passagem pela revista.

Hoje, passadas várias décadas do auge do movimento, a senhora identifica a influência do simbolismo em escritores ou grupo de autores contemporâneos?

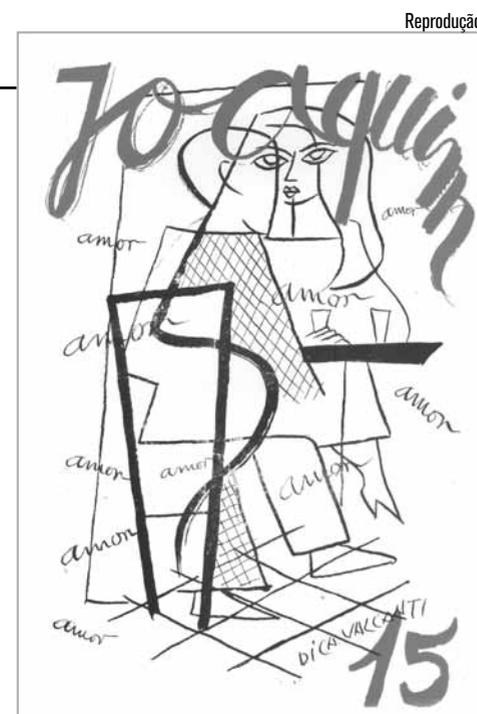
Sobre a influência simbolista em autores contemporâneos, considero um campo minado. Prefiro fugir do território das impressões. ■



A revista *Club Curitibano*, que deu espaço a vários simbolistas. Na foto, edição de 1903.

Contra a província

Dedicada a “todos os Joaquims do Brasil”, a revista *Joaquim* nasceu mais para combater do que para contemplar. Dalton Trevisan, Erasmo Pilotto e Antonio Walger, que aparecem como “diretores” do periódico na primeira edição, queriam mesmo era se desvencilhar do ambiente cultural que se impunha na província nos anos 1940. Além de textos provocativos, que tentavam demolir a reputação da geração anterior, a revista, publicada entre abril de 1946 e dezembro de 1948, incorporou entre seus colaboradores nomes que compunham a linha de frente da cultura brasileira, como Vinícius de Moraes, Carlos Drummond de Andrade, Wilson Martins, Guido Viaro, Otto Maria Carpeaux, Mario de Andrade, Oswald de Andrade, Sergio Milliet, Lêdo Ivo e Mario Pedrosa. O artista Poty Lazzarotto, que anos depois seguiria ao lado de Dalton em novas parcerias, também teve participação relevante ao longo dos 21 números da *Joaquim*. A revista era editada com recursos da família do escritor, o que possibilitou ao periódico a liberdade para iniciar polêmicas. Logo na segunda edição, o alvo foi o poeta simbolista Emiliano Perneta, figura referencial da cultura literária paranaense. Em “Emiliano, poeta medíocre”, Dalton afirma que Perneta fazia uma poesia de “casinha de chocolate” e sua inspiração era “rasa como capim”. A revista passou a reverberar nacionalmente. Fato que, cogita-se, foi determinante para que deixasse de existir. Após o número 21, sem nenhum aviso aos leitores, *Joaquim* parou de circular. Ainda assim, sua iconoclastia reverbera e incomoda até hoje.



O contista



Newton Sampaio nasceu em 1913, em Tomazina, no Norte paranaense. Aos 13 anos foi enviado a Curitiba para estudar no Internato do Ginásio Paranaense. Ainda na capital do Paraná começa sua carreira na imprensa, em jornais como *O Dia*, de Curitiba, e *O Jornal*, de Siqueira Campos. Em 1932 ingressa na Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Paraná (UFPR). No final de 1934 vai para o Rio de Janeiro, onde estuda na Faculdade de Medicina de Niterói. Após se formar, em dezembro de 1937, recebe o diploma de médico, atividade que nunca exerceria profissionalmente por conta de uma tuberculose que o mataria quatro meses depois de formado. A trajetória literária do escritor também é turbulenta. Sua produção, toda ela dedicada ao conto, nunca foi editada comercialmente e seus trabalhos póstumos foram todos “achados” em periódicos do Paraná e do Rio de Janeiro, os dois Estados em que morou e publicou até morrer, aos 24 anos, em um sanatório da Lapa, a 60 quilômetros de Curitiba. Mesmo assim, o escritor sacudi a cena literária paranaense com sua literatura, que transitava entre cenários rurais e urbanos e, no plano narrativo, valorizava a objetividade, sem descrições excessivas. Entre seus admiradores, estavam Dalton Trevisan e Wilson Martins. Seu livro *Irmandade* ganhou um prêmio póstumo da Academia Brasileira de Letras (1938). Nos anos 2000, a Imprensa Oficial do Paraná edita, em um único volume, os textos de *Irmandade* e de *Contos do sertão paranaense*, intitulado *Contos reunidos*. E em 2013 a Biblioteca Pública do Paraná compilou toda a produção conhecida do escritor no livro *Ficções*.

Tempos da Guaíra

A Editora Guaíra é o caso mais bem-sucedido do meio editorial curitibano. Fundada por Oscar Joseph De Plácido e Silva, em 1939, publicou tanto autores locais (Romário Martins) quanto escritores festejados nacionalmente (Joel Silveira). A empresa se destacou nos anos 1940, quando, excetuando a Editora Globo (de Porto Alegre), as principais casas editoriais estavam instaladas no Rio de Janeiro e em São Paulo. Entre as coleções de livros, a Guaíra colocou no mercado “Estante Americana” (que publicou uma trilogia de romances do escritor norte-americano John Dos Passos: *Paralelo 42*, *1919* e *Dinheiro graúdo*), “Romances Brasileiros”, “Contos Brasileiros” e “Estante do Pensamento Social”. O trabalho da editora curitibana despertaria a curiosidade de intelectuais e leitores de todo o Brasil. Mas um incêndio, em 1961, colocou um inesperado ponto final na empresa instalada na rua Travessa dos Editores, no bairro Mercês, em Curitiba.

Reprodução



A poeta

Filha de imigrantes ucranianos, Helena Kolody nasceu em Cruz Machado (PR), em 1912. Ao longo de seu percurso, também se dedicou ao magistério. Durante 23 anos lecionou no Instituto de Educação, no centro de Curitiba. A autora escreveu, e publicou, desde os 16 anos até 2004, quando morreu, aos 91 anos. A partir do primeiro livro, *Paisagem interior* (1941), que já trazia poemas curtos e haicais, a poeta buscou, obstinadamente, a síntese. Para Paulo Leminski, “Helena chega ao gol com menos toques na bola”. Ela deixou uma obra vasta, quase toda custeada com recursos próprios. Entre seus principais trabalhos, destacam-se *Infinito presente* (1980), *Poesia mínima* (1986) e *Reika* (1993). Em 1988, a Criar Edições publicou *Viagem no espelho*, coletânea que reúne toda a obra de poeta e alguns poemas até então inéditos em livro.

O gênio

Dalton Trevisan (na foto, de camisa branca) transita no cenário literário curitibano desde os anos 1940. Sua primeira aparição foi na revista *Tingui* (1943), em que se apresentava como poeta. Depois, mais maduro, esteve à frente de *Joaquim*, o periódico que provocou celeuma no meio cultural da cidade e fez história nacionalmente. Ao longo da década seguinte, continua tentando se afirmar como escritor ao lançar livros que, anos depois, renegaria. É só em 1959 que finalmente estreia nacionalmente, com *Novelas nada exemplares*, obra que até hoje permanece como um de seus trabalhos mais emblemáticos. Com uma bibliografia extensa, o escritor tem se dedicado há mais de cinco décadas ao conto. Tornou-se um mestre da narrativa curta e publicou alguns dos clássicos brasileiros do gênero. Entre suas principais obras, estão *O vampiro de Curitiba* (1965), *A guerra conjugal* (1969), *O pássaro de cinco asas* (1974) e *Pico na veia* (2002). Seus textos foram adaptados para o cinema e o teatro inúmeras vezes, além de ganharem tradução em diversas línguas. Com uma linguagem minimalista e histórias que giram em torno de relações humanas conflituosas, o escritor criou um universo particular ao situar seus personagens em um ambiente falsamente realista, criando uma mítica Curitiba. Avesso a qualquer contato com pessoas que não conhece, passou a ser chamado de Vampiro. Laureado inúmeras vezes no Brasil, em 2012 venceu o Prêmio Camões de Literatura, o mais importante da língua portuguesa. ■

Arquivo / Luiz Vilela



Criar Edições – ou: o Besouro Voador

A partir da experiência como editor da Criar Edições, o romancista **Roberto Gomes** relembra como era o cenário editorial dos anos 1980 em Curitiba, época marcada pelo cooperativismo de autores

O que acontece no setor editorial em Curitiba tem seu começo nos últimos anos da década de 1970. Ali encontramos duas iniciativas pioneiras. As editoras Beija-Flor e CooEditora estão de alguma forma na origem do que ocorrerá na década seguinte.

É sabido que Curitiba é e sempre foi — sempre será? — um terreno estéril para iniciativas editoriais. Antes da década de 1970 só encontramos uma iniciativa editorial de verdade, a Editora Guáira, nos anos 1940 e 1950. No mais, aqui saíam edições do autor com selos fantasia, não raro em fatiotas gráficas amadoras.

Até mesmo Dalton Trevisan, antes de ser lançado pela Civilização Brasileira, imprimia seus livretos — em formato assemelhado aos livros de cordel — na Gráfica Vicentina. Depois, ele os distribuía de mão em mão a amigos e conhecidos na Boca Maldita. E não deixava de enviá-los aos melhores críticos literários da época — esclareço: na época existiam críticos literários. Hoje os livretos do Dalton são preciosidades caçadas por bibliófilos e pelo próprio autor, que destrói edições ou textos dos quais não gosta mais.

A experiência da Beija-Flor foi a primeira tentativa editorial. O escritor Werner Zotz, que a dirigiu, veio a ser também editor da CooEditora.

Na Beija Flor foram editados livros hoje infelizmente esquecidos. Dou alguns exemplos. De Fernando Nogueira, *Os amigos da noite*. De José Angeli, um romance muito interessante, *A cidade de Alfredo Souza*, prejudicado pela edição desastrosa, cheia de defeitos. Além disso, a Beija-Flor encontrou seu *best-seller* num livro infantojuvenil chamado *O anãozinho do paletó verde*, de L. Romanowski, que andou por várias edições.

Era a hora da ditadura

É preciso lembrar que eram anos de ditadura. Entre 1978 e 1979 vivíamos a passagem de poder entre dois ditadores: Figueiredo sucedia a Geisel. Viveríamos ainda anos de terror e perseguição. No entanto, aquele foi um período de grande ebulição cultural. Havia um desejo de vencer o antigo e criar o novo.

Bem ao estilo da época, quando o cooperativismo parecia uma alternativa política e social para o Brasil, cerca de doze escritores reuniram-se na Coe-



Kraw Penas

Wilson Rio Apa foi um grande agitador cultural desde o final do anos 1950. Escreveu livros de contos, romances e textos para teatro, além de ter fundado um grupo de teatro amador chamado Capela.

ditora. De memória, cito alguns em ordem alfabética: Alencar Furtado, Airo Zamoner, Cristovão Tezza, Fernando Nogueira, José Angeli, Wilson Rio Apa, Werner Zotz e eu.

Com todas as deficiências de um empreendimento quixotesco, foi a primeira vez que se falou em tiragens de mais de mil exemplares, em adoção em escolas e universidades, em distribuição nacional, em divulgação nos principais jornais do país, em pagamento de direitos autorais.

De Alencar Furtado, deputado federal cassado em 1977, foi publicada uma coletânea de artigos, *Órfãos do talvez*, e, de Almino Afonso, deputado federal cassado em 1964, foi editado *Espaço entre farpas* (1980). Tezza publicou *A cidade inventada*, em 1980. Rio Apa, no mesmo ano, publicou um alvoroçado *Manifesto do povo*. Fernando Nogueira, os contos de *Os desaparecidos*. Eu publiquei o romance *Alegres memórias de um cadáver*. Títulos e autores que mostram as tensões políticas do momento.

Faço esse registro rápido e que terá lacunas graves, para alertar que havia um grande movimento literário e cultural no Brasil e em Curitiba. Uma grande inquietação e desejo de mudança. Portanto, a experiência editorial da Criar Edições surge nesse caldo, em 1980.

Criar edições

A Criar teve como sócios fundadores, além de mim, Cristovão Tezza e Iria Zanoni. O nome da editora foi encontrado depois de gastarmos uma tarde levantando

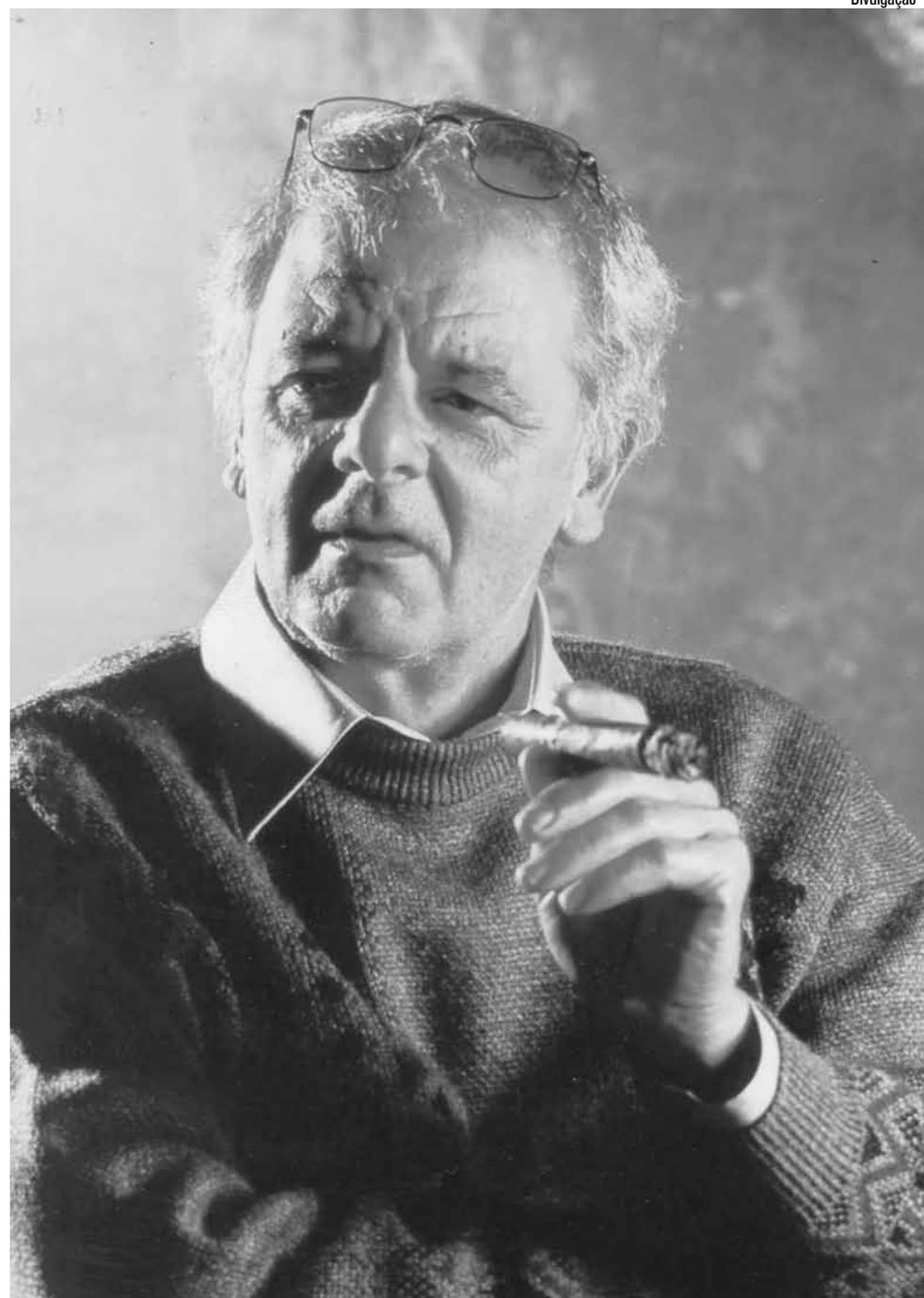
sugestões. Lá pelas tantas, coloquei no papel o CR de Cristovão, o IA do final de Iria e o R de Roberto. Lá estava o nome que buscávamos: Criar.

Não chegou a ser uma grande editora, mas em 1986 ela atingiu o 50º lugar no ranking das cem maiores editoras brasileiras. Para os íntimos, a Criar recebeu o apelido de Besouro Voador. Como se sabe, o besouro é um bicho cuja aerodinâmica não permite voar. No entanto, voa. Na primeira fase (de 1980 a 1989), lançou mais de cinquenta títulos e, em um segundo momento (de 2000 a 2006), somou outros quarenta e tantos.

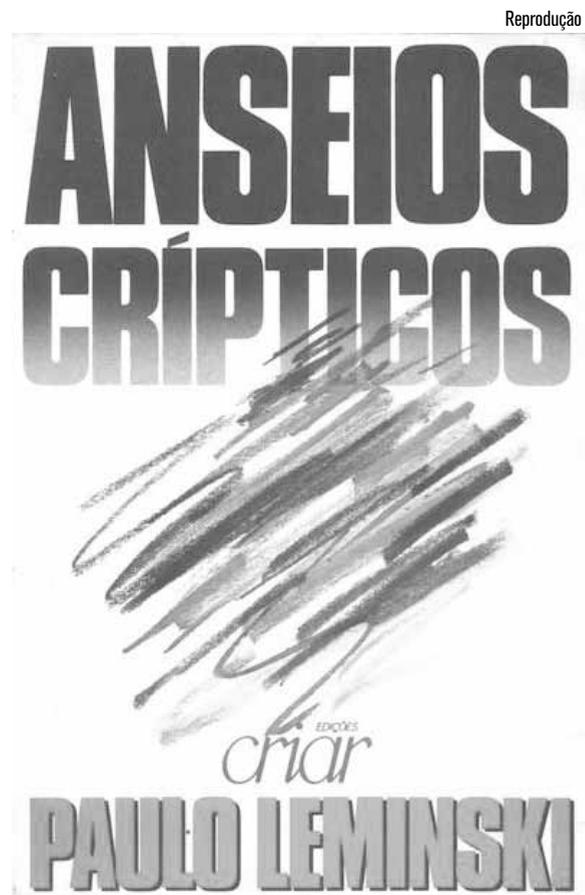
Na primeira fase contou com uma estrutura bastante profissional. Estabeleceu um padrão editorial rigoroso, uma linha de publicações, fossem ou não de autores paranaenses. Estabelecemos editoração profissional, com equipe de revisão, de programação visual, dados técnicos da obra. Além de lançamentos dos livros, inclusive em feiras e bienais do livro.

Os autores editados, além de mim, foram, entre outros: Cristovão Tezza, Luiz Galdino, Sérgio Faraco, Alice Ruiz, José Eduardo Degrazia, Iria Zanoni, Dinorath do Valle, Eglê Malheiros, Helena Kolody, Paulo Leminski, Sidônio Muralha, Antônio Manoel dos Santos Silva, Jorge Lescano, Valêncio Xavier. Além de duas antologias: *Contos cubanos* e *Feiticeiro inventor*, essa última reunindo poetas paranaenses.

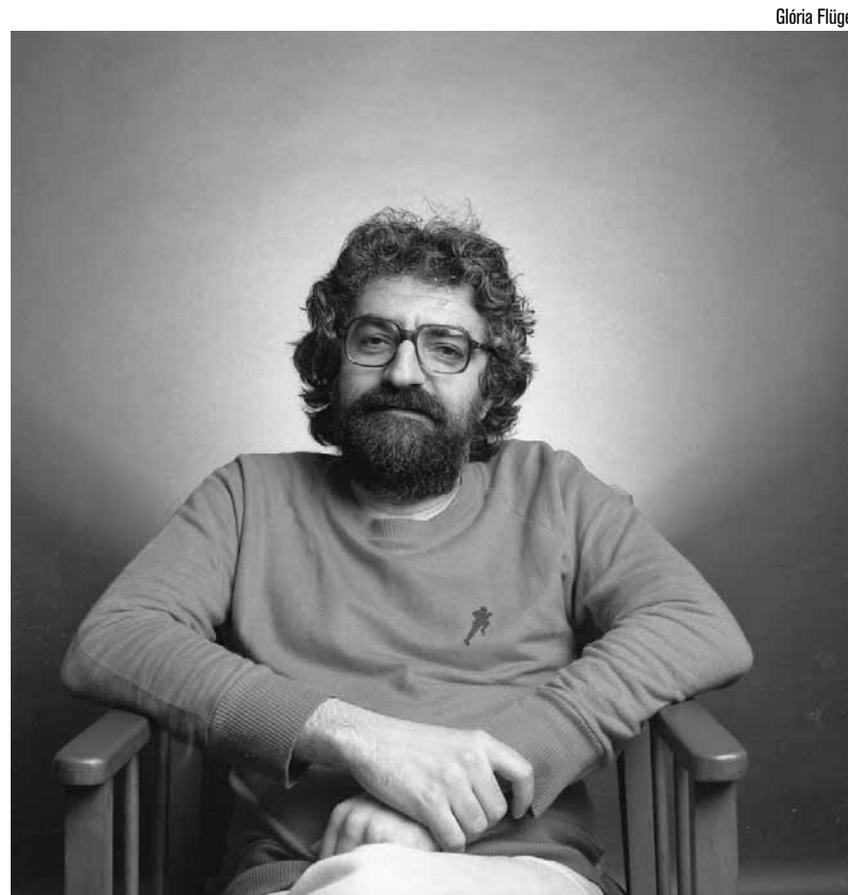
Numa segunda fase, novos auto-



O contista gaúcho Sérgio Faraco publicou, pela Criar Edições, o livro *Tiradentes – O mito e a nação*.



Paulo Leminski reuniu suas reflexões sobre diversos autores, de Guimarães Rosa a Dante, em *Ensaio e anseios crípticos*, publicado pela Criar.



Autor do romance *Cebola*, Manoel Carlos Karam fez parte da geração de autores de Curitiba que começou a publicar nos anos 1980.

res. Almir Feijó, Antonio Godino Cabas, João do Rio, João-Francisco Duarte Jr. E o poeta Waldir Ayala. Várias obras de linguística foram editadas. Autores: Sírio Possenti, Haquira Osakabi, Dominique Maingueneau e Carlos Alberto Faraco. Em literatura, as crônicas de Carlos Dala Stella. E foi a primeira editora a publicar Jamil Snege em livro. Como é sabido, Jamil tinha horror a editores, mas cedeu ao convite que fiz.

Autores e premiações

Grande alegria foi lançar Helena Kolody. Ao receber o convite, ela reagiu com a pergunta clássica de autor curitibano: quanto teria que pagar pela edição do livro? Explicamos que ela não pagaria nada. Ao contrário, receberia 10% de di-

reitos autorais. Não acreditou.

Helena custeara a publicação de todos os seus livros, desde o primeiro, de 1949. Professora do Instituto de Educação, economizava seus trocados, comprava papel e levava ao chefe da gráfica da Escola Técnica do Paraná, que imprimia o livro a bom preço e com cuidados de antigo tipógrafo. Assim publicou durante 36 anos. Fazia tiragens de cem ou duzentos exemplares, tantos quanto suas economias permitissem, e os distribuía a amigos, alunos, colegas de magistério.

Dela publicamos *Sempre palavra* (1985) e *Poesia mínima* (1986). Em 1988, saiu uma reunião de suas obras. Helena releu todos os seus livros durante um mês, me deixou atordoado com tantas emendas, eliminou poemas dos quais não

gostava, reescreveu outros, cortou aquilo que julgava excessos de juventude. Viagem no espelho se tornou um sucesso.

Quando do lançamento, uma jornalista me perguntou por que editar Helena Kolody. Respondi:

— Porque Curitiba precisa amar alguém.

Frase que circulou com algum sucesso.

Feira do livro

Os anos 1980 contaram também com várias edições de uma feira do livro, na Praça Osório, que reunia livreiros, distribuidores, editores e autores de Curitiba. Foi difícil vencer a resistência de livreiros locais, que condicionavam a participação à eliminação de algum livreiro concorrente. Como se sabe, toda província tem suas capitãlias

hereditárias. Foi preciso muita diplomacia para dobrar vaidades e teimosias.

Chegamos a fundar uma efêmera Câmara Paranaense do Livro. Mas reunir a classe não era tarefa possível. Isso perdura até hoje. Curitiba não tem uma feira do livro organizada localmente, a exemplo da magnífica feira de Porto Alegre, iniciada em 1955 e chegando, em 2016, a sua 62ª edição. Aqui temos apenas “feiras do livro” que são empreendimentos comerciais alheios a qualquer significação cultural. Talvez o provincianismo seja invencível.

Entre autores e livros editados, cerca de oitenta e poucos, a Criar fez um bom trabalho. É verdade que não gerou uma indústria editorial com várias casas editoriais, como desejávamos. É de lamentar.

O que fizemos foi com esforço próprio. Nunca dependemos de verbas de governo, nunca pedimos favores a governantes — não por arrogância, mas porque a edição de livros, para ter um papel cultural sério, deve ser assim: aventureira, livre e sujeita a chuvas e trovoadas. Fora das asas do Estado.

Na primeira fase, a Criar foi derrotada pelos desacertos dos governos Sarney e Collor, bem como pela inflação galopante que ceifou editoras médias e pequenas. Voltamos no ano 2000 e editamos por mais seis anos. Mas encontramos outro mundo. Um mundo que não tem desejos de mudança, que lê cada vez menos, um mundo do qual as livrarias sumiram, restando esses elefantes brancos tocados em shoppings com seus *best-sellers* inúteis e autores plastificados, poucos deles bons, mas todos muito bonzinhos, se me entendem.

Mas ter convivido com tantos escritores e ter viabilizado a publicação de tantas obras foi uma alegria insuperável. ■



O jornal *Nicolau* (1987 a 1996) marcou a cena literária dos anos 1980

LEGADO LITERÁRIO FUNDAMENTAL

DA REDAÇÃO

Alguns dos autores paranaenses atualmente conhecidos em âmbito nacional (uns mais, outros menos) já estavam em atividade na década de 1980. Paulo Leminski (1944-1980), Jamil Snege (1939-2003), Alice Ruiz, Manoel Carlos Karam (1947-2007), Valêncio Xavier (1933-2008), Wilson Bueno (1949-2010) e Luci Collin são algumas das vozes que, há mais de três décadas, escreviam e publicavam — naquele contexto, inicialmente com ressonância local.

A partir da criação do jornal *Nicolau*, em 1987, os escritores paranaenses conseguiram atingir leitores em diversos pontos do país. Viabilizado pela Secretaria de Estado da Cultura do Paraná (Seec), o suplemento dirigido por Wilson Bueno fez História abrindo as páginas para nomes da literatura brasileira, como Luis Fernando Verissimo, Ferreira Gullar e Milton Hatoum, e também aos expoentes locais, em especial, aos citados no parágrafo anterior.

Leminski, Snege, Alice, Karam, Xavier, Luci e o próprio Bueno publicaram os seus textos inventivos no *Nicolau*, que circulou com distribuição gratuita até 1996, quando foi extinto — recentemente, a Seec, por meio de seu Núcleo de Edições, publicou a reedição fac-similar dos 60 números do suplemento literário.

Outros paranaenses, como Rodrigo Garcia Lopes, Marília Kubota, Roberto Prado, Sérgio Rubens Sossella (1942-2003) e Antonio Thadeu Wojciechowski também tiveram oportunidade de publicar no *Nicolau* e, ainda na década de 1980, já começavam a chamar a atenção de leitores devido aos seus trabalhos artísticos. Outros nomes que também se destacaram no período foram Walmor Marcellino (1930-2009), Regina Benitez (1934-2006), Leopoldo Scherner (1919-2011) e Nelson Padrella.

Vale ressaltar que, naquele contexto, alguns escritores paranaenses — coincidência ou não — sem contrato com editoras comerciais — puderam, e conseguiram, experimentar na linguagem, principalmente Snege, Karam, Xavier e Bueno.

A atitude do quarteto frutificou.

No século XXI, prosadores conhecidos nacionalmente, como Joca Terron, Marçal Aquino e Marcelino Freire, entre outros, demonstrariam interesse no legado de Snege, Karam, Xavier e Bueno. Autores do Paraná que estrearam a partir do ano 2000 também encontraram nas obras do quarteto experimental, e também na poesia de Leminski e Alice Ruiz e na prosa de Luci Collin, matéria-prima e ponto de partida para a aventura no mundo literário.

Roberto Gomes nasceu em Blumenau (SC), em 1944, e reside em Curitiba. É autor de romances, contos, crônicas, livros infantis e de filosofia. Foi professor universitário, aposentado em 1998 pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), e editor da Editora da UFPR e da Criar Edições.

Panorama ecológico

Kraw Penas



O poeta Marcelo Sandmann, autor dos livros *Na franja dos dias* e *A fio*, começou a publicar no começo dos anos 2000.

A literatura curitibana se multiplicou neste início de milênio. A cidade já possuía uma tradição no assunto, mas a popularização da internet e o barateamento das técnicas de impressão motivaram o surgimento de novas editoras, publicações, eventos e, principalmente, autores. Nunca tanta gente escreveu e mostrou seu trabalho por aqui, a ponto da cena se dividir em várias microcenas. Um panorama marcado pela fragmentação, tanto da comunidade literária (que não atua em bloco) quan-

to da linguagem (não há um movimento artístico bem definido, como foram, por exemplo, o simbolismo ou o grupo reunido em torno de Paulo Leminski).

Para o escritor, crítico e professor Miguel Sanches Neto, a grande novidade dos últimos 15 anos é a criação do que o próprio Leminski chamou de “ecologia” — grupos de troca de leitura cuja repercussão pode ir além do cenário local. Esse ambiente favorável, no entanto, está longe de ser uma garantia de que a produção tenha aceitação

nacional ou alcance o chamado “leitor comum”. “A projeção só vem quando se ocupa minimamente os grandes espaços midiáticos do país, ou quando há consagrações por prêmios de peso”, diz.

Segundo ele os escritores que se concentram apenas na internet correm o risco de se frustrar. “Apesar de dar uma sensação de reconhecimento pelos pares, esta mídia não tem força suficiente para chegar ao grande público. Em geral, é mais uma cultura de pequenos nichos”, afirma o autor de livros

Curitiba nunca teve tantos escritores, editoras, publicações e eventos literários quanto nos últimos 15 anos — mas esse ambiente favorável ainda não atraiu o leitor comum ou se reverteu em visibilidade nacional

OMAR GODDY

como *Chove sobre minha infância* e *Chá das cinco com o vampiro*, entre outros.

O poeta Ademir Demachi, editor da revista *Babel* e organizador da antologia *101 poetas paranaenses* (publicada pela Biblioteca Pública do Paraná), também chama a atenção para essa sensação — ou “ilusão”, como ele prefere dizer. “Há muitos grupos na cidade, e a maioria se comporta como seitas, como alquimistas que dominam a fórmula de fazer ouro. Mas a crítica e a autocritica são baixas em contraposição aos egos

cegos que acreditam produzir a melhor poesia do mundo.”

Outra característica marcante do momento atual é a proliferação de feiras, oficinas e eventos literários em geral. Para Demarchi, os cursos são um sucesso e comprovam que há cada vez mais gente interessada em escrever e publicar livros. Por outro lado, os eventos ainda não conseguiram atrair os não iniciados. “A poesia está no extremo da linguagem em todos os sentidos, vende pouco. As pessoas preferem ler romances”, explica.

Mas os encontros de divulgação e discussão da prosa também não são um exemplo de popularidade. E a razão, de acordo com Miguel Sanches Neto, é a falta de continuidade. “Apenas os eventos do Sesc conseguem isso. A maioria está sempre recomeçando, e isso não forma público”, diz. Ele acredita que o fortalecimento da produção local vem, e sempre veio, dos jornais e revistas de literatura. “Foi assim que os escritores locais conseguiram maior visibilidade. Desde a época do simbolismo, passando pela *Joaquim*, depois pelo *Nicolau*, entre outros menos conhecidos, para chegar ao *Rascunho* e, agora, ao **Cândido**.”

Entre as editoras mais atuantes, Sanches Neto destaca a Arte & Letra (“Me parece o projeto mais consistente das últimas décadas”) e a Positivo (“Publica autores locais e grandes nomes nacionais, fazendo da cidade um ponto de confluência da literatura brasileira”). Demarchi também cita a Arte & Letra (“Pelas edições diferenciadas”), além da Medusa (“Por apostar na experimentação”), L-Dopa (“Lança raríssimos livros de ficção”) e Kafka (“Com toda a obra do indispensável Manoel Carlos Karam”).

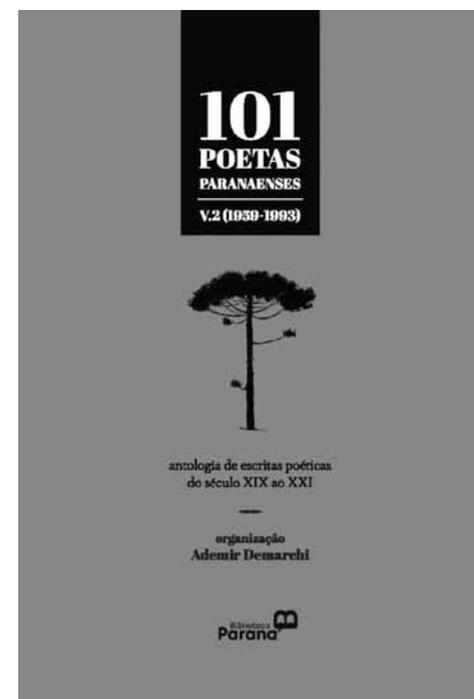
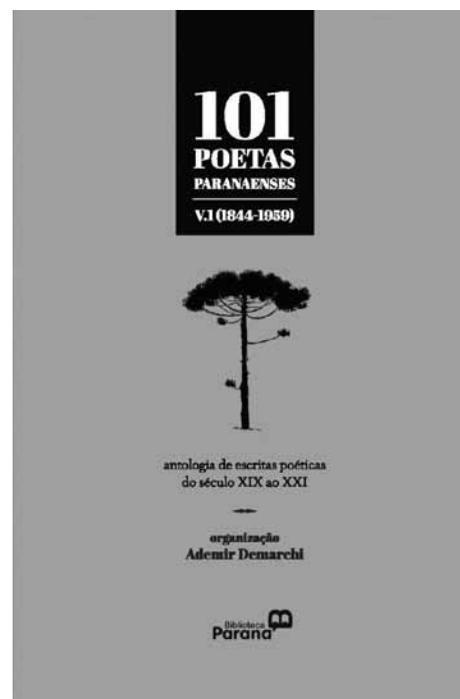
Ambos ainda mencionam a importância de trabalhos desenvolvidos no meio acadêmico. Miguel Sanches Neto lembra da criação recente do curso de Letras da Universidade Federal Tecnológica do Paraná (UTFPR), que mantém um grupo de estudo e pesquisa sobre a literatura produzida no Estado. Já Ademir Demarchi festeja o investimento em tradução de poesia feito pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) — uma instituição onde, segundo ele, “há um fervor que não existe em outros lugares do país”.

Questionados sobre um possível denominador comum estético na literatura local, os dois são enfáticos: se a intersecção realmente existe, ela está na experimentação de linguagem. Ainda assim, não há um grupo ou movimento facilmente identificável. Portanto, não é muito adequado colocar no mesmo balaio poetas como Marcelo Sandmann, Ricardo Corona, Priscila Merizzio, Guilherme Gontijo, Ivan Justen Santana, Fernando Kroposki, Alvaro Posselt e Rodrigo Madeira, entre tantos outros. Ou prosadores como Luiz Felipe Leprevost, Paulo Venturilli, Marcio Renato dos Santos, Assionara Souza, Luis Henrique Pellanda, Paulo Sandrini, Carlos Machado, Cezar Tridapalli, etc.

De certeza, há apenas o fato de que a ecologia desejada (ou prevista) por Leminski é uma realidade. “Agora resta saber se essa nova interconectividade da cena tem causado impacto qualitativo. O que é difícil de avaliar, já que esses autores, em sua maioria, estão no início daquilo que pode vir a ser considerado uma obra”, afirma Demarchi. ■

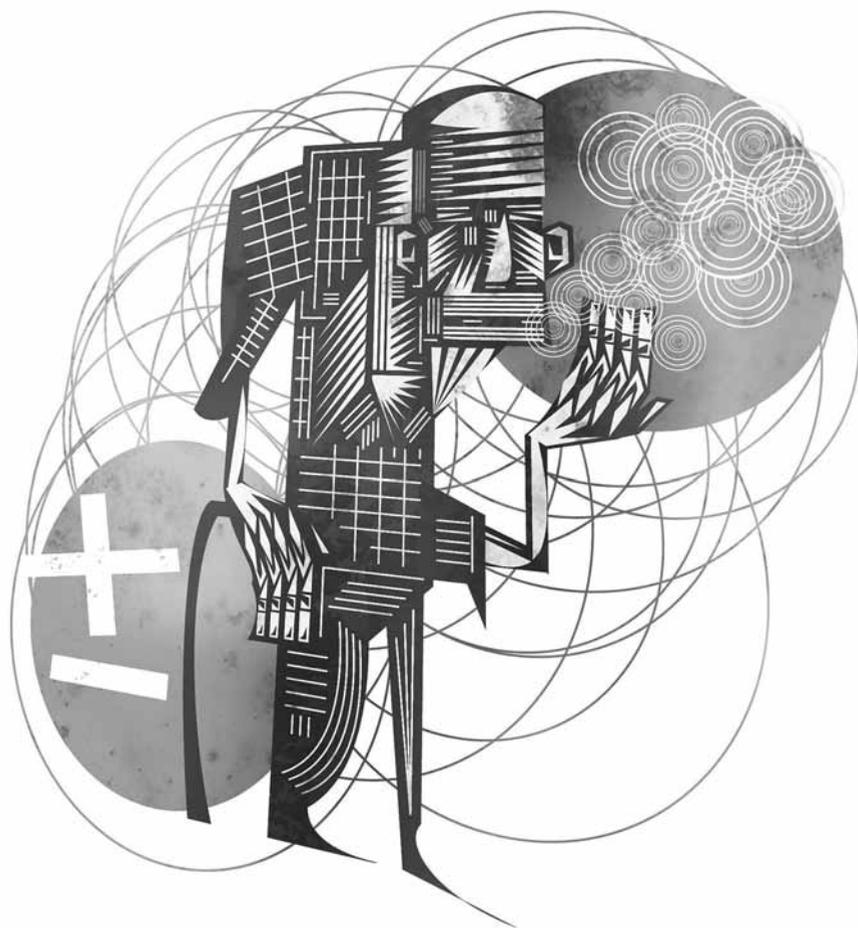


Potiguara radicada em Curitiba, Assionara Souza produz uma literatura marcada pela experimentação da linguagem.



Em 2014 a Biblioteca Pública do Paraná publicou a antologia *101 poetas paranenses*, organizada por Ademir Demarchi, que faz um apanhado da produção poética no Estado.

Ainda em 2016, a curitibana Kotter Editorial e a paulistana Ateliê Editorial lançam a série *Gralhas Raras*, com livros inéditos dos poetas paranaenses Rodrigo Madeira, Adriano Scandolara, Marcos Pamplona e Guilherme Gontijo Flores. O **Cândido** publica alguns poemas que fazem parte das obras.



EXERCÍCIOS BANAIS 2

há lugares onde a saudade, não fosse ela inopinada e irrecusável, se exerce com método:
nos bancos de praça, pelas janelas
do quinto ao sétimo andar, diante do mar
nos alpendres dos sobrados, no interior do goiás
dentro dos ônibus interestaduais
e nas penitenciárias.

há lugares onde a saudade, não fosse ela inopinada e irrecusável, não encontra passagem:
na rua XV do zênite, no pega-para-capar do trânsito
na fila do banco, pelas escadas carregando compras
em frente aos muros pichados, nas lojas de sapatos
celulares e ares-condicionados
dentro de túneis, elevadores e mictórios.

ANIVERSÁRIOS

[recortados do noticiário]

a)
não sei se ouvi
direito
a porta do
banheiro
entreaberta
(a teve
falava
de um
eslavo
talvez
o mais velho
do mundo) e ouvi
(mas

não tenho certeza)
um senhorzinho
da cracóvia ou
sei lá
de que canto

à inevitável
pergunta
dizer
“o segredo

é continuar respirando”

b)
misao okawa quando
perguntado
se estava feliz por seus
116 anos respondeu

“mais ou menos”

 **Rodrigo Madeira** nasceu em Foz do Iguaçu, em 1979. É autor dos livros *Sem pálpebras* (2007) e *Pássaro ruim* (2009). Os poemas publicados pelo **Cândido** fazem parte do livro inédito *O latim das moscas*. Madeira vive em Curitiba (PR).

GUILHERME GONTIJO FLORES | 4 POETAS PARANAENSES

É COMO AQUELA

palavra que escapa
e desliza sobre outra
palavra que
escapole
e teima em apontar
outra palavra e mais
outra
até que só nos resta
o silêncio ou o belo
dum
putamerda
e ali carinhosamente aninhar
o desencontro da língua
no desencontro do mundo

A VOZ

Um abutre farto do abismo
pousa entre postes
enquanto aguarda
sua eletrocussão



Ilustrações Samuel Casal

 **Guilherme Gontijo Flores** nasceu em Brasília, em 1984. É poeta, tradutor e leciona latim na Universidade Federal do Paraná (UFPR). Estreou com os poemas de *brasa enganosa*, em 2013, livro finalista do Prêmio Portugal Telecom. Em 2014, lançou o poema-site *Troiades – remix para o próximo milênio*. Essas obras deram início à tetralogia *Todos os nomes que talvez tivéssemos*. Como tradutor, entre vários outros, publicou *A anatomia da melancolia*, de Robert Burton (2011-2013), agraciado pelos Prêmios APCA e Jabuti, e *Elegias de Sexto Propércio* (2014). Os poemas publicados pelo **Cândido** fazem do próximo livro do autor, *L'azul blasé*. Gontijo vive em Curitiba (PR).



SAGITÁRIO A*

(culminação de uma colagem sobre Bilac)

falo com fogo em teu seio, neblina
e alta noite curva estes céus erecta
sombria lembrança as estrelas trêmulas
chaves frescas que possui o luar

tão cego enfim seus enganos agora,
doce esmola o primeiro olhar solto
do teu, exílio apesar de ofendido
na treva a névoa pálpebras medrosas

olhar neles eleva tinge a aurora
esses beijos essas feridas penso
e terna primavera um turbilhão

o derradeiro violento céu serras
chorando desce, entre estrelas morre
olha-me sereno () ouvir estrelas

BEULÁ

Pudesse alguém
cruzar o paraíso
em sonho e uma flor lhe fosse
dada de prova
que seu espírito esteve

mesmo lá, e ao despertar
tivesse em mãos
 não
 a mesma flor, mas
uma rosa, a corola
embrulhando como fosse uma abelha
um verme a roê-la —

 **Adriano Scandolara** é poeta e tradutor. Nasceu em 1988, em Curitiba, onde vive atualmente. É autor de *Lira do lixo* (Patuá, 2013) e do volume de traduções de Percy Bysshe Shelley, *Prometeu desacorrentado e outros poemas* (Autêntica, 2015), além de ter traduzido também autores como John Milton, Marjorie Perloff e Hari Kunzru. É coeditor da revista e blog *escamandro* (www.escamandro.wordpress.com). Seu segundo livro de poesia, *PARSONA*, do qual foi tirado o poema "Sagitário A*", será publicado até o final de 2016.



FLUXO REFLEXO

as águas inquietas de um riacho
sua voz solferina
as águas, o trabalho imanente
de polir as pedras
a incontinência do riacho
percorrendo
o rastilho
que deflagra
o espelho voraz do mar

as falas inquietas de um homem
sua voz solferina
as falas, o trabalho imanente
de polir os versos
a incontinência do homem
percorrendo
o rastilho
que deflagra
o espelho voraz da palavra

EM OUTRO TEMPO

para luciana martins

se destravo a porta que encerra
a sombra
da vida futura

se busco obstinado
asas
ou cílios
se abrindo sobre
a desmesura

os dias se torcem
sobre eixos
imprevistos
como folhas de papel
ao sol



 **Marcos Pamplona** nasceu em Curitiba, em 1964. É editor da Kotter Editorial e poeta. Escreveu, com Alice Ruiz, o roteiro do longa-metragem *Alice e Paulo*, sobre a vida de Alice e Paulo Leminski nos anos 1970 e 1980. Teve poemas publicados nas coletâneas do Prêmio Off Flip de Literatura (2006, 2008 e 2010), na revista *Jandique*, no jornal *RelevO* e no blog *Mallarmargens*. Os poemas publicados pelo **Cândido** fazem parte do livro *transverso*, que marca a estreia de Pamplona na poesia.

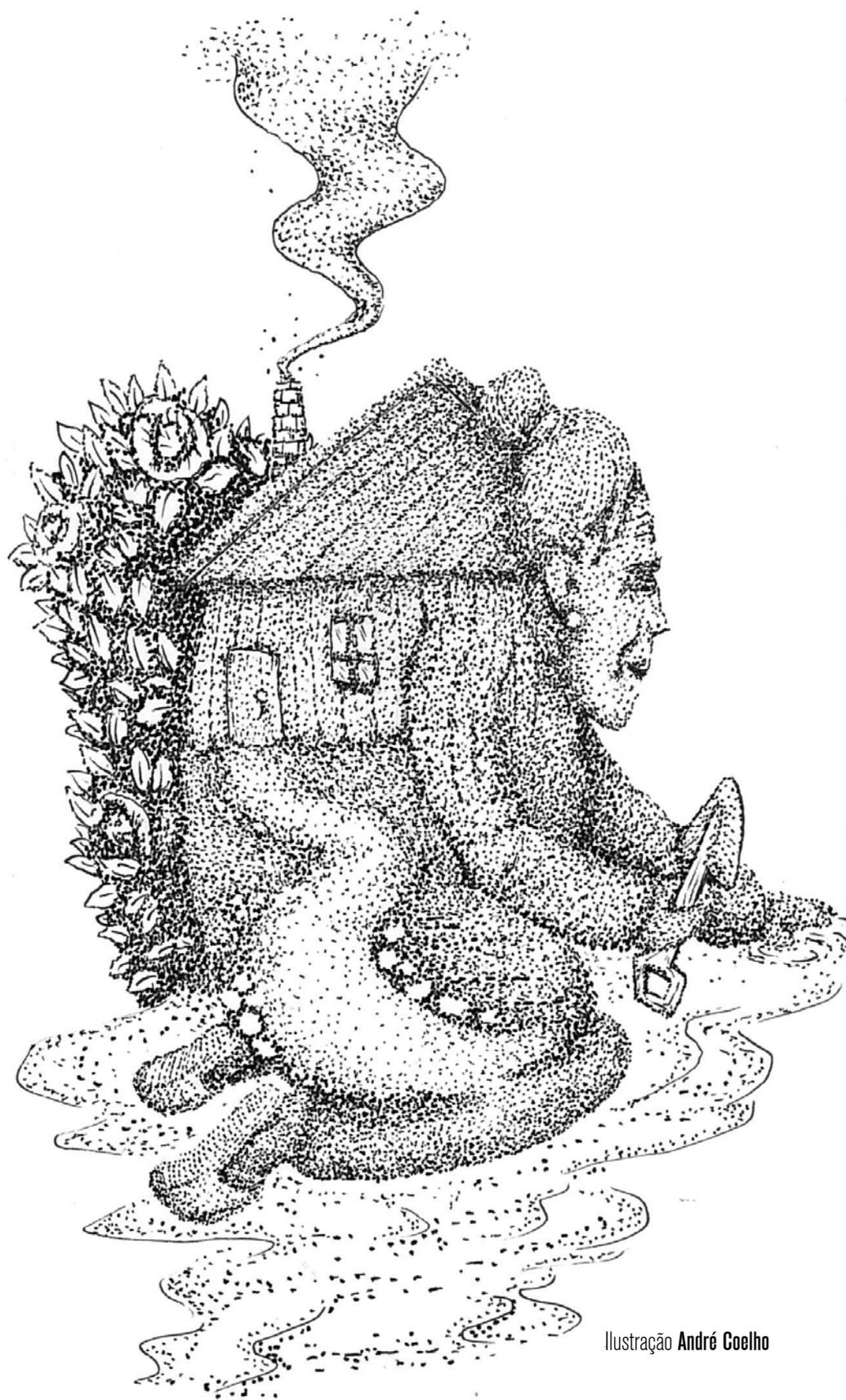


Ilustração André Coelho

Não venderei minha casa

Tenho 76 anos, moro sozinha,
mas não sou inválida,
sei me defender com a ironia.

Comigo pedra não é pedra,
pedra é cada uma de minhas perdas,
pedra é a lembrança ainda intacta.

Eis comigo nas paredes
o meu casamento,
o nascimento das crias,
três gerações, o divórcio.

Vocês não enxergam
os meus fantasmas?
Sequer condeno, fantasmas são pessoais e intransferíveis.
Não despejarei as minhas assombrações de amor,
elas não têm onde dormir.

Não venha pedir que me desapegue,
não venha sugerir que vire a página
e comece nova história.
Só saio daqui morta.

Familiares desejam me convencer
da seriedade dos próprios problemas,
como se eu não me conhecesse o suficiente.
Que o custo de manutenção da casa é caro,
que é uma demência estar desacompanhada,
que é uma residência enorme para limpar,
que posso cair e me machucar sem socorro,
que não tenho idade para consertar
a bomba d'água que enche o porão,
que não tenho idade para lacrar de noite o portão.



Desde quando a o excesso de idade é acusação?

O que ficarei fazendo em um apartamento?
Assistindo novela?

Pelo menos, estou no chão,
presa ao chão,
enraizada no chão.
A terra é o meu espelho de nuvens.
Só é possível tocar o céu
com o pé descalço.

Não dependo de eletricidade
para abrir e fechar a porta.
Não há escadas entre a rua e a minha cama.

Não me tornarei refém de síndico e zelador,
Não seguirei regras de condomínio,
Não pedirei que ninguém baixe a música
e me deixe dormir em paz.

Não é não, não venderei a casa,
conversa encerrada.

Não adesivarei as janelas com telefones desconhecidos.
Não desistirei de mim.
Não aguentarei até onde deu, como a maioria faz.

Onde mexerei na terra?
Onde estenderei as roupas?
Onde a rede de pescar livros?
Onde colocarei a biblioteca?
Onde cumprimentarei os vizinhos
que passam pela minha varanda?
Onde a liberdade de passear de pijama pelas árvores?
Onde?

Num cubículo aéreo?
Não fui criada para morar em cabines
de helicóptero e aviões de concreto.
Minha vista é de mim mesma.
Não invento segredos para ser importante.

Sou rasa, rasteira, chapa do fogão a lenha.
Meus chapéus são as panelas pregadas na cozinha,
meu vestido é o caule do vento.

Como filha do interior,
eu sinto a chuva vindo nos ossos,
anuncio as visitas com os talheres caindo.
Eu me contento com um tanque de pedra
e os prendedores de madeira.

O pouco é muito para quem nunca
precisou de mais nada.



Fabrcio Carpinejar nasceu em Caxias do Sul (RS), em 1972. É jornalista e poeta, autor de *As solas do sol*, *Um terno de pássaros ao sul*, *Terceira sede* e *Biografia de uma árvore*. O poema publicado pelo **Cândido** faz parte do livro inédito *Não venderei a minha casa*.

Bartleby e a Baleia

Herman Melville e Marco Jacobsen

BARTLEBY, LEVE ESTE DOCUMENTO PARA O CAPITÃO AHAH ASSINAR.



PREFERIA NÃO.

PRA FALAR COM O CAPITÃO, VOCÊ TERÁ QUE EMBARCAR.

PREFERIA NÃO.



ZARPAMOS! SE QUISER DESEMBARCAR, TERÁ QUE PULAR AO MAR E NADAR COM OS TUBARÕES.



PREFERIA NÃO.

VOCÊ VAI DIVIDIR A CAMA COM O ISMAEL E O QUEEQUEG.



PREFERIA NÃO.

COMA!

PREFERIA NÃO.



É MOBY DICK! DESÇAM AOS ESCALARES.



PREFERIA NÃO.

BARTLEBY, PEGUE SEU ARPÃO!



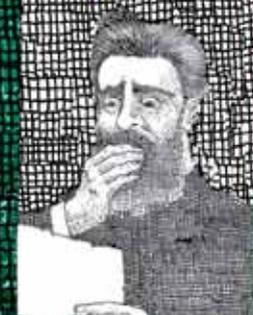
PREFERIA NÃO.

BARTLEBY, NÓS VAMOS MORRER!

PREFERIA NÃO.



ACHO QUE VOU TRANSFORMAR ESSA HISTÓRIA EM DUAS...



MARCO JACOBSEN

Marco Jacobsen é ilustrador, chargista e cartunista. Desde os anos 1980, vem publicando seus trabalhos em diversos veículos paranaenses, como *Nicolau*, *Correio de Notícias*, *Jornal do Estado* e *O Estado do Paraná*. Assinou as ilustrações da obra *Lenda das águas*, em parceria com o poeta e jornalista Zeca Corrêa Leite, publicou o livro *Confesso*, uma coletânea de humor gráfico e cartuns, e escreveu e ilustrou o volume *Lendas Brasileiras – Natureza Viva*. Jacobsen nasceu em Santos (SP), em 1972. Vive em Curitiba (PR).